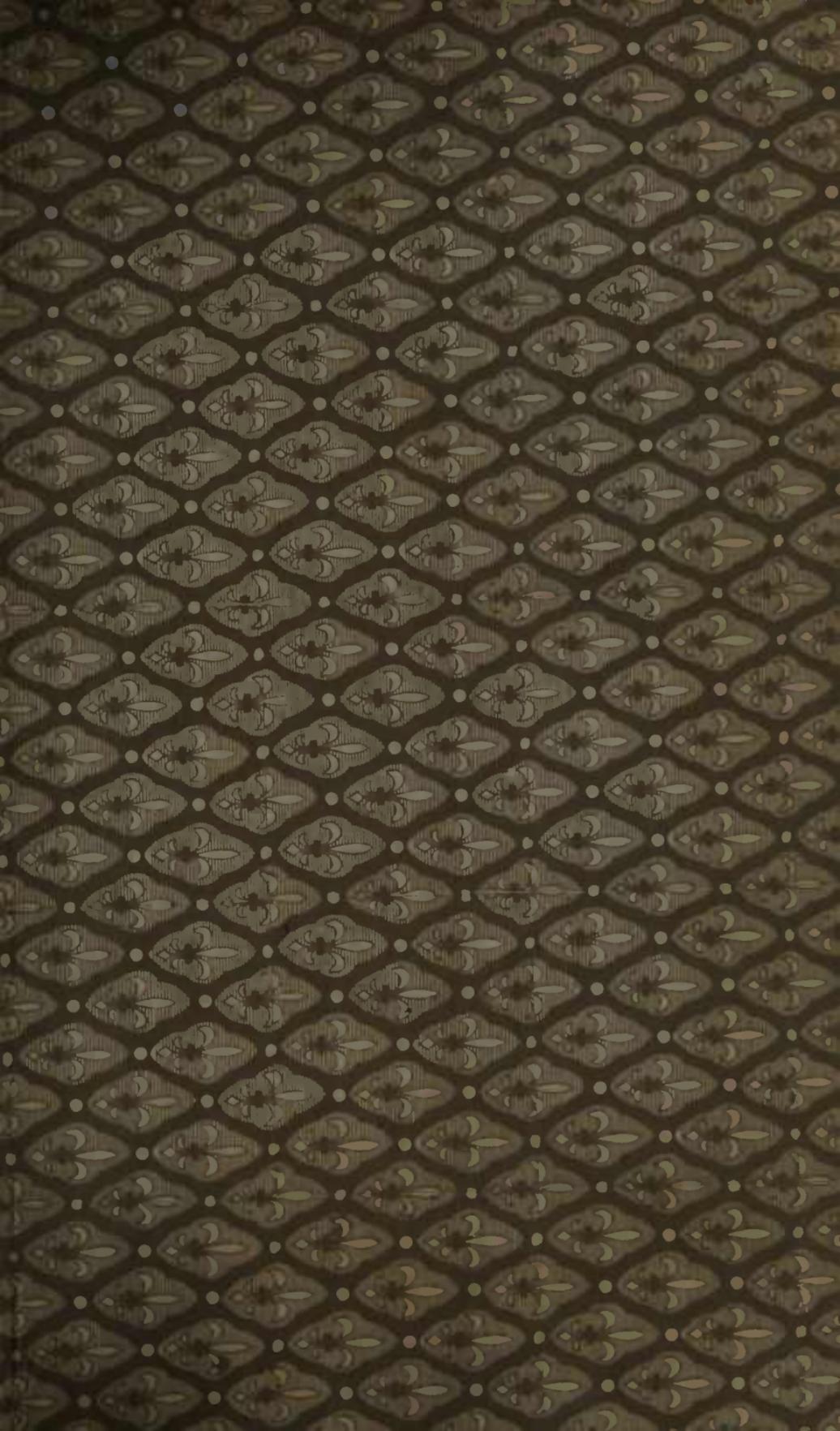






Ex-Libris de  
*J. Pinjō Barata*





José Vicente Sobrinho

---

# CONTOS E PHANTASIAS

SÃO PAULO

TYPOGRAPHIA BRAZIL DE CARLOS GERKE & CIA.

80 — Rua Moreira Cesar — 80

1898



# PALHAÇOS

## PROLOGO

Cahira a noite, vagorosamente, toda embrulhada numa chuva fina, irritante, que enchia de mofo a solidão parda dos céos. As pesadas nuvens da tarde chuvosa iam lentamente, preguiçosamente, perdendo a côr terrosa e misturando-se todas numa espessa treva.

A transição do dia para a noite fôra monotona, sob a chuva contínua, melancholisando as almas numa longa nostalgia dos crepusculos tranquillos, plenos do mysterio do dormir do sol, e da vozeria dos animaes, que vae decrescendo, pouquinho a pouquinho, numa gradação cheia de sômnolencia e de súspiros. Agora, porém, nem um gallo se despediu do dia, nem um boi chorou, e os passaros? que tinham feito os passaros?... como o dia tinha sido feio e triste, todo elle, os passaros ficaram nos ninhos; á coca, esperando que viesse o sol, mas o sol não veiu...

... E já é noite, muito escura, muito negra, cheia de um vago receio, de um tremor indeciso,

gando, de longe, de perto, de todos os lados, a encia da chuva, em uma continua queda.

Pelas ruas da villa os bicos de kerosene, muito açados uns, dos outros, alumiam, com a luz imvel, por entré os vidros. Não passa ninguem e, ra o murmuro da agua, ha um silencio enorme, io se tivesse morrido o mundo. Caminhemos, or, ao acaso, por estas ruas; talvez que se nos are um drama, um assumpto para um conto. e frio que faz! fechemos os capotes e não temos medo de nossas sombras, as quaes, quando samos pela luz, se alongam como uns phantas...

s... O sino bate — uma, duas... cinco... sete...

e horas. Meia-noite! Não ouves um choro conso no casebre do palhaço Delfino? Entremos.

— Quem bate?

— Sou eu, o que faz contos, e o meu leitor.

— Entrai.

E a Imaginação, vestida de luto, faz ranger a ta podre do casebre, escancarando-a...

---

A' luz escassa de uma candeia morrinhenta, o erto mergulha numa meia-tinta, cheia de sombras nbas, que a luzinha tremula projecta. No tecto, cantos, accumulam-se as teias de aranha, cahintodas intrincadas das vigas, numa grande rede. centro pende um trapezio immovel, e a um ito um chicote e vestes de arlequim parecem mir.

Sobre um colchão, coberta por uma capa feita

de retalhos de chita brilhante e cheia de guizos, uma criança enfezada, rachitica, com as faces muito chupadas, morre. A cada convulsão que lhe agita o corpo mirrado, os guizos riem.

— Julito, falla, que tens, meu amiguinho? Olha, sou eu, teu pae, o palhaço, o Delfino. Pois não me conheces? Vê como estou todo branco, todo enfarinhado. Queres que salte, que ria, que chore?

E o palhaço, todo pintado de alvaiade e lantejoulado como se fosse para uma grande função, inclinava-se com os olhos cheios de lagrimas para o filhinho que morria, unica lembrança que lhe deixara a amazona Emma, de nariz real e de bocca em arco...

A amazona Emma... Sob o barulho monotono que lá fóra fazia a chuva, e com os olhos pregados no rosto do Julito, que cada vez ia empallidecendo mais, o Delfino, retrocedendo dolorosamente ao passado, viu, das vigas velhas do seu quarto, do papel roto, do trapezio immovel, surgir morosamente a figura da sua adorada Emma.

Creados juntos pelo Gonçalo, o velho palhaço, que, já na decadencia da sua arte, pensara em fazer-os, do Delfino o primeiro «clown» do mundo, e da Emma a primeira amazona, elles mais pequenitos que eram do que o anão do bando, tinham-se acostumado a viver juntos, numa franca camaradagem de brincos e de zangas. Nos feios mezes de

inverno, quando a chuva cahia muito forte, mudando as viellas em rios lamacentos, os dois, manhosa-mente, achavam nas cabecitas um geito de entram, sem o Gonçalo suspeitar, no seu quarto, puxarem de debaixo da cama o bahu de folha, muito devagariinho, e furtarem uni dos jornaes que o velho palhaço lá guardava religiosamente por causa dos elogios feitos a elle, no seu bello tempo... Furtavam-n'o, e, pela rua abaixo, na correnteza, seguia um grande navio de papel, tripolado por uma mari-nhagem feita á tesoura, em grandes balouços... Na primavera, braço dado, lá se iam para o campo, fazer armadilhas aos passaros, ou pulavam muros para furtar ameixas.

Um dia viram á borda de um tanque, dois patos, com os seus grandes pés espalmados, mexendo-se muito, um debicando soffrego o pescoço do outro; riram-se perdidamente e, chegados ao circo, contaram ao Gonçalo; este olhou-os, muito serio, com uma ruga na fronte, e, nessa mesma noite, separou-os um do outro, elles que sempre tinham dormido juntos. O Delfino, na sua qualidade de marmanjo, foi para uma esteira no chão. Aborrecidos, nem um nem outro dormiram e, toda a noite, levaram a pensar, achando o velho muito maldoso e não atinando porque seria aquillo. No dia seguinte, emquanto o palhaço estava fóra, o Delfino foi dizer uma coisa á Emma, ella riu-se muito, e, innocentes, muito curiosos, foram ver de novo os patos.

Era a puberdade que lhes nascia.

Já por esse tempo o Delfino era um dos predilectos do publico, que o recebia com bravos, sempre que elle vinha lá de dentro, numas cabriolas excentricas, e a Emma já recebia flores e já sabia atirar beijos.

Por uma noite de junho, algida, o Gonçalo morreu. Delfino e Emma choraram muito e sobre o cadaver gelado de velho palhaço juraram união eterna.

Passaram annos; nasceu o Julito, e desde muito cedo era tambem palhaço.

Um dia entrou para a companhia em que trabalhavam o Theophilo, o homem-hercules, que logo se agradou da amazona Emma, de nariz real e de bocca em arco... Ella tambem foi tomada de uma paixão sensual pelo hercules, e uma noite fugiram juntos, enquanto na arena o Delfino, todo pintado, cantava quadras boças que a plebe applaudia... Quando o Julio lhe veio dizer que a mamã desapparecera, o Delfino largou a viola e cabriolou muito, para occultar as lagrimas -- ha dias que já temia aquelle desenlace. Ao levantar-se das cabriolas, as lagrimas misturadas com o alvaiade tinnham-lhe sujado o rosto, e os seus labios conservavam uma dolorosa contracção de choro... Um frio glacial passou pelo publico e o publico assobiou o palhaço.

O Delfino, como um louco, procurou depois a amazona para a matar; uma occasião, numa cidade, julgou tel-a visto; avançou, não era ella...

Quando, na peregrinação vagabunda do bando

chegou uma vez, de novo, ao logarejo em que morrera o Gonçalo, ajoelhou-se no cemiterio, sob a valla commum, que era onde tinham enterrado o velho palhaço, e esteve alli muito tempo, recordando-se de sua infancia, das suas glorias, e da sua adorada Emma, de nariz real e de bocca em arco.

-- Julito, vê, vesti-me todo para divertir-te, falla, meu amiguinho, sorri para mim. Olha, sabes quem veio saber de ti? A Marietta, a que pula no trapezio e que tem tranças louras. Ella disse: — «Pobresinho do Julito! O' Delfino, dize a elle que eu lhe mando um beijo...» E foi embora muito garridinha... Amanhã ella volta, e você ha de brincar com ella...

Cahia a chuva monotonamente, e foi embalado pela cadencia da chuva que o Julito morreu. A' ultima convulsão interiojou-se-lhe o corpinho e elle disse, vendo o pae que, para o animar, cabriolava no quarto: — «Bravo, palhaço Delfino», e depois, num ultimo suspiro: — «Papae», emquanto o palhaço, correndo para elle e abraçando-o, julgava vêr no seu filhito morto longuinquos traços do nariz real e da bocca em arco da amazona Emma...

#### EPILOGO

... Foi quando entrei no quarto com o meu leitor. A Imaginação, vestida de luto, atçou a candeia morrinhenta, e as nossas sombras, muito

---

grandes, dansavam nas paredes. O Delfino chorava, convulso, e eu alegrei-me:

- Olha, leitor, é um assumpto para um conto.
- Sim, é um assumpto para um conto.





namorado, com quem pescava os peixinhos no alvo rio do povoado e com quem andava outr'ora pela matta, á caça de ninhos de passaros, assim desfeito como vinha da guerra, quando pensava encontrar-o mais forte, queimado do sol, é verdade, porém alegre, talvez sargento ou coisa maior, pois que não se recebiam noticias d'elle desde muito tempo, a sua decepção foi enorme.

— Oh! *seu* Miguel, como voltou!

E a voz parou-lhe na garganta, e si ia dizer mais alguma coisa, a dôr embargou-lh'a.

— Virgilia, minha amiga... e o Miguel olhava-a, mortalmente triste de vêr a má impressão que fazia á sua antiga companheira e temendo que ella já não o quizesse. Virgilia, pensei muito em ti, muito, Virgilia, e quando fui ferido e pensei que ia morrer, a tua lembrança começou a chorar dentro de mim; e quando me disseram que eu não morria, a tua lembrança começou a rir dentro de mim... Virgilia, dize-me alguma coisa.

— O que hei de dizer, *seu* Miguel?! Dou graças á Nossa Senhora de vosmecê ter voltado. Eu muitas vezes com muito medo fui rezar na igreja, sabe? e ainda tenho aquella imagem que vosmecê me deu, *seu* Miguel.

— Ainda tem?

— Pois então. Mas... coitado de vosmecê, como voltou!

— Virgilia, mas tu gostas ainda de mim...

— Oh! *sen* Miguel, não falle nessas coisas, naquellas criançasadas...

E a Virgilia dizia toda a verdade, não querendo que se fallasse mais naquillo, pois já não amava o Miguel.

Amara-o ainda até a vespera, mas a idéa que fazia d'elle era de um rapagão como antigamente e mais bello até. Ao vel-o, como voltara, tomara-se de verdadeiro sentimento pela sua desgraça, mas achava que não se podia entregar, tão bonita como era e tinha a certeza de o ser, a um pobre aleijado... Sentia-se triste, mas não o queria enganar; não amava a ninguem era verdade, mas bem estava vendo que não sentia o mesmo que outr'ora, quando se achava em frente do Miguel.

Outr'ora, naquelles tempos Até tinha pesar de não voltarem esses tempos! Parecia-lhe que era um outro homem que alli estava defronte d'ella, e não o Miguel das armadilhas aos tico-ticos e das pescas no rio, outr'ora, antes da guerra, e a quem cedia ás vezes os labios num beijo. Não, não era aquelle aleijado o guapo mocetão que a agarrara uma vez numa mouta de arbustos e que lhe jurara que um beijo, um só, nenhum mal lhe faria a ella. E a esse primeiro, quantos se seguiram! A velha jaboticabeira do quintal de *nhá* Rosa tinha-os escondido por traz do tronco a abraçarem-se, e a caçamba do poço, uma vez que descera muito de repente, turvara na tranquillidade da agua de lá em baixo a reflexão serena que faziam

os seus dous rostos a namorarem-se por entre o bafo fresco do fundo do poço e o aroma de musgo velho que dalli se desprendia subtilmente Não, não era esse! Não era, e subitamente vem irrompendo dos olhos da Virgilia uma lagrima, outra, e ainda mais e sempre mais, enquanto o Miguel a via, ~~sentindo~~ sentindo surdamente crescer-lhe na alma um mixto de dor e de raiva, mais de dor...

— Foram criaçadas, *seu* Miguel. Eu não amo a ninguém.

— Como quizeres, Virgilia, como quizeres, porém eu não brincava, não, quando te dizia que gostava de ti; eu fallava muito serio e quando fui ferido e pensei que ia morrer, rezei pedindo pela minha noiva Engano! Não tinha noiva, era um desgraçado e devia morrer. Devia morrer.

— Mas, *nhá* Rosa como ficava?

— Minha mãe, coitada, que posso eu agora fazer!..

Vagarosamente, envolta em uma melancholia profunda, vinha a noite descendo pelo céu. Morrera o sol e pelas quebradas do povoado o velho sino da igreja resmungava o toque das almas com um pesar infinito. Os passaros iam-se esquecendo de cantar e vogava pelo ar o aroma fresco que as rosas têm ao crepusculo. O poente esbrazeado tremia como um bom diabo que morre...

E a noite cahiu.

E foi ficando tarde, tarde, muito tarde, e o povoado dormiu. Miguel, quando se deitou na sua

antiga cama, pensou que ia ter os mesmos sonhos de outr'ora, quando chegava do campo e collocava por baixo de uma figura de Nossa Senhora que tinha no quarto, as flores que lhe dera a Virgilia... Não teve os mesmos sonhos, não teve, e ouviu, até adormecer de canção, *nhá* Rosa que soluçava no quarto pegado, que soluçava como quem morre...

A Virgilia sonhou em novos amores, e ai! que quando as raparigas sonham em novos amores, esse sonho é o epitaphio implacavel dos amores passados...

---

Ora, já se vê que *nhá* Rosa morreu de pesar; muito concorreu tambem a sua idade avançada, é certo, mas quando o Miguel de manhansinha se levantou, não encontrou a mãe que era conhecida como madrugadora... E' que ella tinha morrido, e lá na cama foi achal-a inteiriçada, com um sorriso de amargura na bocca e já muito fria... Num estrondoso parto magnificente e limpido, ia apparecendo o sol.

Chorou-a; enterrou-a; e a negra miseria em farrapos bateu-lhe á porta na mesma noite do enterro. No cemiterio ainda estava molle a terra onde guardara *nhá* Rosa, e esgazeada, pavorosa, chegava-lhe a fome, sem ter nada para comer... Era uma noite clara, toda banhada da espuma branca de um luar de magica. Nevava luar. Empolgou-o tyranna a brut afome.

De longe, da casa da Virgilia, chegavam os cantares do bananzola do Sylvio que, emquanto durava a lua, se ia pôr em baixo da janella da rapariga, a desferir umas coisas que eram mesmo de fazer virar a cabeça á moçoila. Depois foi-se a lua, e o sol, desabrochado numa luz sedosa, illuminou o céu. E novo dia passou, azul, de um magnifico azul carregado... E a noite de novo chegou. Choveu e, quando outro dia nasceu, chovia.

A fome desvairava já o Miguel. Sahira a esmolar, mas quasi nada trouxera na saccola. Batido de sol, voltou estafado, numa desesperante canceira, e como no outro dia chovia ainda, não pode esmolar e rugiu-lhe a fome no estomago vasio, terrivel...

E a noite tombou, enluarada, toda cheia da graça de uma lua nova garridamente espelhada no céu...

Um toque de clarim retiniu ao longe e um tambor rufou, rufou e cada vez mais rufava. O Miguel, pondo a escuta o ouvido, segurou no coração, que pulsava violentissimamente... Lembravam-lhe aquelles toques, aquelles rufos, as glorias, e ai! que os desastres tambem! Dias de pompa em que com o aço da bayoneta rubro de sangue estrangeiro, os soldados cantam delirantemente o hymno da sua terra ou choram de alegria ao lembrarem-se da aldeia, do velho campanario, do bôm do sr. vigario, das mães... Ou dias de desastre, com retiradas amedrontadas, sentindo atraz de si o inimigo feroz ullular de alegria, e vinham então a descer pelas

suas faces as lagrimas da derrota... E de novo os dias de glorias e os clarins a tocar, a rufarem os tambores... Victoria! Victoria!...

O Miguel ouviu que se aproximava mais o barulho militar e um batalhão entrou na villa, alta noite. Vinha fatigado mas as physionomias dos soldados radiavam numa orgulhosa alleluia de alegria. E' que voltavam victoriosos e marchavam para a capital, certos das flores que os iriam acolher e jubilosos da paz que já se annunciava num desbarato valente das tropas do inimigo... Arranjaram pousada em umas casas desertas e recolheram-se, para sonhar, os valentes, com os bravos abraços das raparigas amadas quando chegassem ás suas aldeias...

O Miguel poz-se a chorar, nostalgico do seu bello tempo, e lá fóra, pelo luar, a corneta de quando em longe lançava o seu appello de cobre, estridente, bello, e a madrugada, num reboiço de nuvens e de claridades, apressava a chegada do dia... E o dia chegou, estourando a guéla dos gallos sadios em cocoricos longos, muito longos...

---

Ora, meus senhores, para que havia de dar aquella estouvada da Virgilia? Apaixonou-se, com a fogosa idade de primavera que tinha, pelo official que commandava o batalhão, e o bananzola do Sylvio mudou-se para nova janella, onde tranquillo podesse fazer a sanfona delirar numas musicas que

eram mesmo umas lindezas. A Virgilia, flôr mais linda da villa, foi logo correspondida, está visto, nos seus amores e entabolou-se o namoro forte. O batalhão demorou-se alli ainda alguns dias, mas afinal teve de partir. A Virgilia seguiu-o.

O Miguel esmolava na porta da egreja quando os soldados passaram. Os caipiras tiravam o chapéo saudando as fardas gloriosas e o gracioso sol bordava de reflexos as bayonetas, que iam estrellejando o ar de aços rutilos. Apoiado nas suas muletas Miguel acompanhou até ao campo a tropa. Parou quando já muito cançado, e foi então sómente seguindo com os olhos a Virgilia que ia atraz, numa carriola, em que o Faustino Portuguez se prestara a conduzil-a até a cidade visinha, onde deviam todos tomar o trem de ferro.

O sol, no grande céo de um azul casto, retocava numa preguiça de artista, as suas cambiantes lucidas de fina escola... O aleijado, vendo sumir-se para sempre a Virgilia, chorava ás tontas, sabendo-se só no meio daquelle campo todo florido e reverdecido a primor pela primavera de então... O céo, todo rico de cores, luxuoso, feliz, sorria para aquelle mendigo, achando o seu soluço uma deliciosa farça lyrica...

Bem ao longe os soldados começaram a entoar uma canção de guerra, um hymno de victoria, que rolava bombastico sobre a campina... Nelle palpitava o valor, o brio, e toda a poesia grandiosa da lucta, das batalhas onde golfa o sangue num baru-

lho de canção épica e se alastra pelo chão, em que, tempos após, brotam rosas sob o tropel balsamico da primavera...

A Virgilia, antes de desaparecer, voltou-se e viu o Miguel. De subito, passou-lhe pelos olhos a visão feliz da sua infancia, e então, expansiva, desdobrando o lenço, agitou-o, agitou-o, despedindo-se.



## PESCADORES

Elle era de terras em que o ceruleo mar ora dormia, ora bramia, atravessado por bateis veleiros, onde pescadores iam, ora todo azul -- espelho do dia -- ora de prata -- espelho do luar -- ouvindo cantilenas de navegantes á Nossa Senhora, murmurios de ondas que se juntavam fazendo resaltar outras ondas. Fallava com admiração do velho oceano e dizia, com voz commovida, rezas de pescadores amorenados que tinham as suas habitações na praia: um renque de palhoças que ao escurecer mostravam dentro luzes -- o pescador chegado do mar contava a travessia que fizera -- partido, o sol no levante róseo, chegado, no roseo poente o sol; a pescaria fôra boa... ou fôra má, que desgraça! No canto da palhoça, ouvia-os uma Virgem Maria, rustica e feia, muito simples, sem bordados e illuminada apenas pelos olhos dos pescadores que traziam o reflexo perenne da vaga e que a olhavam crentes e cheios de fé na Santa boa que protegia os seus filhinhos e a sua companheira, quando partiam no barco, acompanhados a prin-

cipio pelos olhos amigos que ficavam em terra, acompanhados depois pelas gaivotas e pelas ondas.

Uma vez houve um naufragio.

Foi por uma noite negra, muito negra; estrelas, não as havia, e não havia lua; tudo escuro, muito escuro, e o vento chibatando o ar, fazendo chorar as arvores; quando aplacava sua furia, os demonios soltos no espaço podiam ouvir, transidos de susto, as preces que se elevavam das palhoças, pedindo o amparo de Maria, a santa rustica, que não tinha bordados e que só era illuminada pelos olhares dos pescadores.

Um d'estes retardara-se no mar — o Nicoláu, um grande, forte, de barba aspera e negra, espaldas largas e olhos meigos — e... Nossa Senhora da Bonança o proteja!... ainda não voltára.

A sua casa era a ultima, no fim da praia; encostava-se a um rochedo em cujo cimo uma cruz de páu apodrecia de tão antiga que já era, conhecida que fôra pela avó do mais antigo pescador de agora — o Ruy de Deus, que de envelhecer no mar ficára branquinho como elle, e que, nesta noite tambem, na sua casita, prostrado perante um pequeno crucifixo, pendurado em baixo de uma oleographia representando um vapor, balbuciava baixinho, um sorriso bom fazendo-lhe um raio de esperanza no seu rosto ancestral: «O, ô! Nicoláu voltará, voltará; o meu Jesus nunca faltou ao seu velho servo» — confiado como estava nesse valetudinario madeiro, nessa cruz que se esverdinhava da

agua da chuva, cahindo sobre ella, do tecto, ha annos sem conta; viera-lhe da avó, a mesma que já conhecera de tradição a cruz do alto do rochedo, onde se apoiava a casa do Nicoláu, o pescador perdido, donde se eleva agora uma estranha oração, a mais sincera e a que mais commove — quatro crianças e uma mulher choram e o écho chora tambem.

São quatro crianças que crescem e que serão pescadores, educados amando o mar livre, e ouvindo á tarde, quando no ceu, que dizem que é um grande oceano, naufraga o sol, historias de marujos, historias de maritimos: — do marujo que se perdeu numa ilha que só o Senhor conhece e que lá viu um dia num regato calmo, sobre que se inclinava para beber, que tinham embranquecido seus cabellos e que se tinham enchido suas faces de rugas, regatos por onde, então, correram copiosas lagrimas... lá morreu e os corvos fizeram-lhe uma sepultura negra; a historia do grumete noivo que, com cinco companheiros, entre os quaes um irmão, vagava num mar sem limites, num batel, depois de um sinistro; acabadas as provisões, sorteando-se um a morrer, senão morreriam todos de fome, foi elle o sorteado; mataram-n'o; duas horas depois appareceu ao longe um tenue fio de terra; remaram jubilosos e o irmão do grumete morto, em pé, com as mãos tapando o sol, procurava distinguir que logar era: era a sua praia natal, feliz acaso! e em terra a noiva do grumete, tendo já distinguido o

irmão de seu noivo, chorava de alegria e dizia a uma velhinha perto, que olhava em extasi agradecido ao céu: — «Agora, velhinha mamã, padre Bento nos casa; elle não morreu, seu irmão nos acena, e elle vem dentro remando, remando, e pensando em mim...» e outras, e outras historias que Ruy de Deus contava, á tarde, esperando a volta dos pescadores.

Essas crianças choram e chora sua mãe, Osmidia, a esposa dedicada; choram e rezam; o vento uiva medonho na noite tormentosa.

Em casa do antigo marinheiro, continuam a borbulhar orações dos labios seccos de Ruy de Deus. O vento foi-se aplainando, de manso, muito de manso, e o mar acalmou-se. Ruy defronte do Christo: — «O, ô! Nicoláu voltará, voltará.»

O mar sussurrava agora, docemente escorrendo na praia, a que presenteava de conchas. Nas aguas appareceu uma brancura — «A vela de Nicoláu» gritaram os pescadores, que, acalmada a tempestade, tinham vindo ás portas, rendendo graças á Senhora da Bonança; não era a vela do barco do pescador: era o primeiro raio da lua nova que surgia, esbranquiçando as nuvens — desolação...

Ao longe, no leite que a lua derramava na praia de areia, negrejava um barco quebrado. Chegaram todos.

— «Meu Deus, é o *Santa Osmidia*. E' o barco de Nicoláu; pobre da mulher e dos pequerruchos, coitados!» — e calaram-se. O mar chegava aos

---

seus pés e lambia-os. A lua parára bem por cima do barco despedaçado, onde jaziam as esperanças dos marítimos e a crença de Ruy.

---

Eh! Ruy de Deus, velho lobo do mar, Nicoláu nunca mais voltará e a sua alma talvez já ande solta neste luar que illumina tudo e que faz vêr, lá no rochedo, a cruz que apodrece, inclinada um pouco para a praia, como que abençoando a alma do pescador, que foi sempre bom, e que, certamente, morreu pedindo á Santa Maria que protegesse a sua Osmidia e os seus quatro filhinhos... quatro filhinhos, como é triste morrer, meu Jesus!... Ruy, pescador mais antigo destas praias, que não faltas aabençoar os que partem para viagens longas, Ruy, meu velho, Nicoláu não voltará, não voltará...

---

Osmidia enlouqueceu. Ruy de Deus quebrou o Christo, esverdinhado de limo, e atirou-o ás ondas, não sem envelhecer, em um dia, muitos dias de pesca mais. Creou os filhos de Nicoláu; para pescadores? não «para pescadores, não», dizia bem triste. Não lhes contou mais historias de marujos e de marítimos; porém, de longe em longe, fazia-os ajoelharem-se na praia, junto á sepultura de seu pae — o grande mar — e pedirem a Deus o eterno descanso da alma do pescador morto, de espaldas largas e olhos meigos. Passava sempre por elles

uma velha cantando canções de mar, com os cabellos desgrenhados como um oceano agitado — Osmidia.

A cruz do rochedo apodrecera mais. Uma noite desapareceu:

Ruy de Deus, que já não dormia socegado como outr'ora, depois que perdera a sua crença, sentado á porta de sua casita, viu uma mulher subir de rastros o rochedo: — «Nossa Senhora!... Osmidia, a louca!...» persignou-se e ficou mudo a vêr a louca subir; o mar soluçava, a lua pousara num braço da cruz, onde existia uma tradição sagrada, de tão velha que era.

Osmidia ajoelhou-se perto do symbolo santo, que com o tempo mais se inclinara para a terra e longo tempo assim se conservou. Levantou-se; — «Vae descer», disse Ruy, em cujas barbas o vento tremia de medo. Não; subito abraçou o lenho podre e com elle rolou pelo espaço, dando um grito despedaçador.

O mar abriu-se, o mar fechou-se; porém, mais generoso que o antigo mar da tormenta, deu o cadaver da mãe aos seus filhos, os quatro robustos lenhadores, como os creara Ruy de Deus, que num dia derrubaram um velho tronco oco de uma figueira velha e nelle enterraram a louca, chorando como se ainda fossem as criancinhas que na noite da tormenta rezavam pedindo á santa rustica a volta de Nicoláu.

---

Sobre a terra que guardou a pobre Osmidia fizeram um comoro de flores, e, como era perto da praia, o mar, á noite, levou-as todas para o tumulto do pescador.

E Ruy? Ruy de Deus ainda lá vive; leva o dia inteiro na porta de sua casita a olhar as ondas. Dizem pescadores aos seus filhinhos, para fazel-os dormir, que um dia elle se transformará em um penedo, em que virão bater as espumas do mar e a lua descansar nas noites compridas... Contos de pescadores...

---



## A Morte de Alfredinho

Hontem, ao cahir da tarde, um amigo mostrou-me estas recordações que tinha de um facto real:

«Eu estava no interior, na fazenda do meu cunhado Alberto Gonçalves, quando morreu meu irmãosinho Alfredo. Adoecêra repentinamente na vespera e fôra preciso chamar o medico, porque o seu estado era grave, mui grave...

Num quarto durmiamos eu e o medico, quando ás 5 horas da manhã, fomos accordados em sobresalto por um grito estridente e doloroso de mamãe. — «Dr., o meu filho morreu.» O medico levantou-se immediatamente e eu fiquei ainda deitado, com os olhos turvos e a bocca amarga; não estava bem accordado.

Percebi que chorava, estremeci; a meia claridade do dia nascente dava um lusco-fusco ao quarto. Tive medo e levantei-me.

Sahi para a sala; as janellas estavam todas fechadas; só pela porta que dava para o terraço, aberta, entrava a claridade. No sofá, mamãe, sentada, tinha nos braços Alfredinho morto; Helena, minha

irmã, estava perto, com os olhos vermelhos; a avózinha, sentada immovel com os labios contrahidos, mostrava sentida dôr nos seus olhos claros. Alberto fazia um rascunho do telegramma que ia mandar a papae, e o medico, em pé perto da mesa, enrolava machinalmente um pedaço de papel. Lá fóra, um gallo cantava, outro respondia ao longe, outro mais longe cantava...

Tiraram Alfredinho dos braços de mamãe, que chorava como louca, e estenderam-n'o no sofá, esticadinho como morrera; amarraram-lhe as mãosinhas e começou lugubre este longo dia. Um cavalleiro partiu para a cidade a buscar velas e a levar o telegramma.

Eu, ó medico e Alberto fomos para o terraço; o sól já ia alto no horisonte, e viam-se ainda alguns colonos passarem para o trabalho. Lá no pasto, defronte da casa, cavallos corriam, e, junto ás palmeiras, um porco esgravatava a terra. De um lado via-se direita, terminando de repente numa volta, o caminho da cidade; lá em cima, no morro, o cafezal com suas linhas symetricas, infindaveis, de cafeeiros; de outro lado as casas da colonia italiana destacavam-se vigorosamente brancas a esta hora em que o sol lhes dava em cheio, e num lago, um pouco mais abaixo, a agua tinha reflexos vivissimos que cegavam a vista; pelo caminho estreito da colonia vinha vindo um homem, abre a porta... bate-a... passou. Aqui perto ameixeiras fazem uma grande sombra; o terreno é em.

velive, um pouco abaixo ha um tanque com uma torneira; ouve-se a agua correr e uma lavadeira bate a roupa.

Vamos almoçar; partem para a cidade o medico, e Alberto que vae tratar dos preparativos do enterro.

Algum tempo depois chegam as vélas; são acasadas duas e collocadas perto do sofá, em que está esticadinho, com as mãos amarradas, o Alfredinho.

Em um canto da sala nos reunimos eu, mamãe, a vizinha e Helena. Os irmãosinhos do defunto apparecem tristes, mui tristes. Paulo chega de vez em vez; Marietta vem com os olhinhos espantados olhar o Fedoca; Carlitos está com o rostinho grave, como se comprehendesse alguma cousa, e Augusto, chupa dedo, tambem vem vêr o Alfredinho.

O dia arrasta-se triste, longo; cobriram o morto com um lençol branco e Helena amarrou-lhe o rostinho que embranquece como cêra, com um lenço; a morte não lhe mudou um só traço; ás vezes parece que elle se vae erguer, correr, brincar com Marietta e Carlitos... Mas não, está morto, bem morto; seu rostinho redondo tem os olhos fechados e a bocca entreaberta deixa vêr os dentinhos. Seus cabellos louros estão revoltos.

Sentado numa cadeira, com o chapéu esfarrapado na cabeça, fazendo tregeitos de louco, está um velho, maluco, que vive na fazenda: Nho Quim olha espantado.

Agora anoitece, estamos esperando Alberto

que deve trazer o caixão e as roupinhas de anjo com que o devem vestir.

Noite profunda, escuríssima; o vento farfalha violento por entre as arvores, e de quando em quando cachorros latem ao longe; os cyrios ardem com sua luz direita, immovel e um sopro gelado; um sopro de morte, parece passar pela casa inteira; longe, muito, muito longe, uma cigarra canta: a avósinha diz que é a alma de Alfredinho.

Sentado numa cadeira, Nho Quim olha. Seu rosto comprido e amarello, seus cabellos muito negros e muito grandes, cobrindo-lhe as orelhas, dão-lhe o aspecto de um phantasma; não respeita a morte: tem o chapéu enfiado até os olhos, o chapéu esfarrapado que lhe sombrêa o rosto. Quem sabe si não é a propria encarnação da morte que vêla a sua presa! Pobre do Alfredinho!

Um cachorrinho que tem o costume de todas as noites dormir no tapete, perto do sofá, vem diversas vezes deitar-se e é sempre enxotado.

Alberto não chega; como custa! Reuno tres cadeiras e, tendo ido buscar um travesseiro, deito-me: durmo, sonho que Alfredinho subiu para o céu, que está lá naquellas nuvens, com o seu vestidinho roxo de todos os dias, sorrindo para todos nós. Sonho tambem com cousas tetricas, que phantasmas me empolgam, ossadas se entrechocam e badalam campas funéreas; accordo coberto de suor. São dez horas e Alberto ainda não chegou. Cachorros ao

longe latem sempre. Afinal ouve-se um tropel de cavallos; é elle que chega a galope, juntamente com um colono que traz o caixão, envolto em panno branco, que fere o negrume. Americo, um criado da casa, está em baixo á espera com uma luz; apeiam-se; o caixão entra em casa; o vento redobra de violencia, as arvores torcem-se; a noite é profunda, escurissima!

Dentro do caixão vem a roupa com que vão vestil-o, o pobre cadaverzinho que jaz na sala coberto com um lençol branco. Fizemos mamãe e a avósinha retirarem-se para o quarto, e vestimol-o; Helena corta uma madeixa dos seus cabellos louros, para lembrança do irmãozinho que morreu. Agora, no caixão, todo vestidinho e com uma corôa de anjo, elle parece sorrir. Collocam-n'o outra vez no sofá e tornam a cobril-o com o lençol branco, todo aspargido de vinagre aromatico. Abrimos todas as janellas, para o ar entrar; entra o vento que faz os cyrios tremerem, tremerem...

Meia noite!

Eu e Alberto ficamos na sala; estendemo-nos, procuramos dormir; cabeceio, quasi durmo, mas nisto um pé de vento levanta um pedaço do lençol, do branco sudario, e eu desperto... Fico meio sentado, com as pernas enroladas num cobertor e a cabeça apoiada no travesseiro, accordado, com os olhos abertos. Defronte de mim Alberto dorme, com o rosto inclinado sobre a palma da mão. O lampeão acceso, em cima da secretária, illumina a sala,

e duas vélas, de luz vacillante, fazem sombras estranhas na parede.

Silencio profundo, o vento cessou; lá de outro lado da sala as estantes cobertas de livros destacam-se nas paredes brancas; olho fixamente para ellas: parecem mexer-se; nervoso como estou, procuro levantar-me e caio dormindo...

Duas horas. A boa da mamãe accorda-me e diz-me que vá dormir na cama; protesto inconscientemente: ella insiste, vou meio dormindo, deito-me vestido; durmo profundamente.

Levanto-me já dia claro; fazem-se os preparativos para a partida; vamos para a cidade a enterrar o pobresinho, que ainda dous dias antes nos alegrava com as suas risadas.

Depois do almoço fecha-se o caixão e descemos com elle para o levarmos; no trolley, com o anjinho, vou eu e Alberto; os outros vêm noutro trolley. Paulo acompanha-nos a cavallo.

Sahimos da fazenda. O dia está fresco. O trolley vai depressa, e o cadaver no caixão bate de encontro ás taboas, nos solavancos do caminho.

Passamos por uma capellinha de tijolo, arruinada, com uma grande cruz dentro e flores murchas e palmas seccas; defronte, um mastro eleva alto uma bandeirinha de S. João.

O caminho em alguns logares está ruim, cheio de buracos; em outros é bom e plano. Em diversos pontos ha cruces, que recordam scenas de san-

gue que alli se deram, e onde a credulidade do caipira affirma que apparecem á noite assombrações, luzes, choros, sangue, tudo em que o caipira crê.

Passamos uma porteira, outra; avista-se a cidade ao longe; mais outra, chegamos a uma aguada, onde o cavallo de Paulo, atraz, nos salpica de lama, e entramos num caminho largo, arenoso; estamos perto.

...Já se veem as primeiras casas; a cidade neste domingo está alegre; ha muito povo pelas ruas; é o dia da festa do Divino Espirito Santo, por cuja causa, de povoações visinhas, muita gente afflue.

Parámos num largo em uma casa, onde um padre veiu encommendar o cadaverzinho, que começava a decompor-se.

No largo embandeirado rebentavam os foguetes da festa, e na igreja o sino chamava alegre os fieis á oração. Em diversas barraquinhas armadas em frente, os dados chocalhavam em copos de metal.

Num kiosque uma roda de gente ria-se, — e nós em casa despediamo-nos do pobre morto.

Tomámos o caixão e levámol-o para o cemiterio, chamando o carro do anjinho a attenção do povo festivo; levámol-o para o cemiterio, onde quietos dormem defuntos mil, tornados em pó...

Vemos enterral-o. Dous coveiros, indifferentes, cobrem de terra o caixãosinho azul do Alfredinho, enquanto no alto, no céu azul, foguetes espipocam, vindo cahir perto a flecha de um d'elles. Cobrimos

---

de coroas a sepultura do entesinho que a terra retomou e vai guardar para todo o sempre; cobrimos de coroas a sua sepultura e saímos. O sol vai a meio da jornada. O dia esquenta e uma poeira finissima sóbe do sólo: talvez sejam as almas dos entes mortos que se elevam até Deus».



## NOSTALGIA

Hontem subia eu por uma rua quando se me leparou um italianito, bello como um filho de maulona, com os olhos fixados num cartaz de companhia de vapores para a Italia — sobre ondas muito verdes um navio baloiçava-se e havia passageiros nas amuradas. Sensibilisou-me extraordinariamente vêr que o menino chorava defronte daquella pintura banal. O pobresito revia, certamente, a sua villa, o céo sob que nascêra, e ouvia a voz do velho sacerdote do logar ensinar-lhe as primeiras palavras do cathecismo... E esse sonho que assim o fazia chorar, quem sabe si não era completado pela saudade de uma namoradasinha, a quem elle pedia beijos, medrosamente!?

Quanta tristeza deve acompanhar esses, que já sabendo conhecer a terra onde nasceram, são forçados a irem ganhar a vida longe das arvores que os carregaram nos ramos, longe da estrada por onde todas as tardes vinham da escola, cantando uma nave tarantella, longe da latada de flores onde abraçavam as visinhas pequeninas como elles! Co-

mo deve echoar, dolorosamente, o sino da parochia do exilio, ao se lembrarem da doçura cheia de angelitude com que curvavam os joelhos quando se erguia, na torre da igreja que os baptisara, a vagarosa prece das Trindades, e se espalhava, numa fartura de bençams, sobre os casaes onde moravam christãos!

Nos olhos azues do italianito, eu como que lia todo esse missal, e enchia-me de profundo respeito por aquella dôr que se santificava na agua benta das lagrimas.

Sentia tambem todo o desespero, toda a angustia em que me veria immerso, si a tempestade da sorte me arrojasse, como uma fragil telha quebrada, para outro tecto que não o sob o qual vivessem, soffressem e tivessem suas alegrias, aquelles que eu amasse, que idolatrasse na minha fé serena... Orpham da minha terra, como iria chorar prantos amargos sob céos extranhos, sob a sombra de arvores que não fossem as perobeiras dos sertões d'aqui, nem as ramalhudas figueiras plantadas pelos meus avós! Como si enraizariam no meu coração os ciumes loucos de uma namorada que eu deixasse, na minha villa de saia curta e de tamancos, e que visse, nos sonhos, já moça feita, com bellos quadris cheios de dengue e com uma bocca cheirosa! Como me lembraria, então, dos meus camaradas da escola e como procuraria saber o que fôra feito delles, si tinham ficado na terra, si tinham partido, ou si algum já seduzira a minha antiga namorada e com ella ia casar...

E, á tarde, quando o Angelus penasse melancolias sobre o mundo, eu, fatigado do meu labor, diria baixinho uma oração para que a mamãe fosse feliz lá na terra e para que a pequena não se esquecesse de mini... Dormindo, toda a minha vida do passado viria visitar-me nas miragens felizes dos sonhos, e quem sabe mesmo se não teria, ás vezes, visões, talvez enganosas, de um futuro côr de rosa: — sob o chamado amigo do sino, toda a villa se reune e, enleuada, cheia de vergonha e cheia de graça, minha antiga namorada se veste de noiva para casar commigo!... Futuro côr de rosa que talvez falhasse, pois que eu estava longe da minha terra, e a antiga namorada cada vez se enfeitava mais, seus olhos se enchiam de mais feitiços e talvez se esvasiasse sua alma de todas as lembranças do pequenino de quem ella gostára...

Tocou-me profundamente a sensibilidade, aquelle rapasito que vi com os olhos cheios de lagrimas olhar um cartaz de vapores. O choro que empavnava o bello azul de suas pupillas, senti-o fructificar dentro de mim, no suavissimo outono dos corações felizes, e toda a bemaventurança que me rodêa, toda a luz que me banha vinda dos olhos de uma amada que eu tenho, toda a minha crença de moço, tudo me impellia a comprehender a prece amarissima daquelles olhos nostalgicos, tudo me impellia a dar consolo áquelle pequenino... E quasi parei, para chorar tambem, para juntar á sua prece innocente o meu pedido fervoroso á Madona

dos céos, afim de que derramasse até áquella criança o seu olhar de mãe e lhe enchesse sempre o espirito da doce crença nativista que faz ter tanto valor o pedaço de terra em que se nasceu, em que se deu o primeiro grito, em que se amou a luz do sol...

Então, quando a comprehensão já se fez, e que o ente póde conhecer a sebe em flor sob a qual engatinhou, e póde sugar com avidez o favo roto de mel da boquinha de uma collega, então a dôr se acrucia ao vêr a furia do destino atiral-o para outras terras, como o vento mau que faz cahir o pomo que sazona. E eu bem vi, nos olhos desse italianito, perpassar a sombra castissima de uma bambina, formosa, muito formosa, tendo, nos labios vermelhos, solta a tarantella natal. O rapazinho revia-a dentro dos olhos, ella chamava-o e, como ainda era pequenina, chorava de desgosto por elle não ir. Naquella sombra, pareceu-me vêr o idyllio de ambos, brincando nas sargetas das ruas com seus bonecos quebrados, e rindo-se dos velhos muito velhos, ainda menores os dois do que são hoje, hoje que ainda são pequenos. Elle partiu; ella ficou; um mar de muitas aguas separou-os e, agora, a sombra das lagrimas delle parece ser a sombra do rostinho della.

E é verdade que eu, que sou rodeado de bem-aventurança e que sou amado, tive a fraqueza de querer chorar... Senti-me bom, senti-me retemperado naquella emoção e bem senti que meu cora;

---

rescalava como um ramo de myosotis, que é  
r que symbolisa a lembrança, e cujo aroma  
se pedir a alguém que não se esqueça de ou-  
lguem... Os olhos do italianito tinham a sua  
mas o aroma que delles se exhalasse, seria o  
a amargo das lagrimas.





## Conto de S. João

Junho. Depois de chuvas constantes, trazidas pela lua nova, surgiu, do meio do enfado das aguas, a scenographia luminosa do bom sol de S. João, e a lua dos batuques, a pulcherrima lua que se crystallisa no céu sob o sopro gelado do inverno. Na fazenda de Santa Lucinda os pretos sambaram a valer nessa vespera de S. João e reboaram pelas cahiças das montanhas, e decerto que desceram até as mais esconsas cryptas, os sons roucos dos tambores. Palpitavam no céu embrumado grupos perdidos de constellações.

Devia já ser bem tarde, quando avistei, andando, avido de sensações, pelo meio daquelles morros, numa especie de grotta, a luz suave de um lar — um pequeno casebre ignorado e antigo. De dentro vinha o rumor da amorosa oração dos beijos, e eu, que ia por alli assim, abandonado e soffrendo os misereres do frio, estremeci de alegria, por achar tão a geito um ninho onde podesse descançar.

— Pan, pan, pan, bellos amorosos, dae-me licença...

— Oh! sêde vós quem fordes, entrae, pobre alma que andais ao frio de junho pelos morros. Entrae, que ainda resta um bocado do magusto dos pobres...

— Oh! obrigado, mil vezes obrigado, retuquei entrando, todo esfarrapado como vinha, vestido das desusadas roupas da Fantasia, tremendo de frio, e apoiado ao cajado brutal da Verdade.

Achei sentados, um ao lado do outro, o Raymundo e a Thereza, que se beijavam em plena bocca. O Raymundo, um bello caboclo crestado por vinte dezembros, de peitos largos e mãos bem rijas para guiar gados atravez de ravinas; a Thereza, um pouco mais moça, bella morena de seios cheios e de olhos formosos. Um sadio par de bellezas caipiras, elle com os olhos sombreados de um azul forte cravados nos della, dois formosos olhos negros; dois formosissimos mundos onde se recortavam as fôrmas immutaveis dos paizes do amor, da ternura, da felicidade... Raymundo fitava-os mergulhado no oceano immenso do extase e de quando em quando, os seus labios bem vermelhos de caboclo, acendiam nos labios de Thereza uma porção de beijos.

Penetrando no casebre, sorri-me complacientemente. Vinha avido de sensações e, como as achava nos arroubos não communs de tão simples paixão rustica, fiquei silencioso, parado a um canto, fitando os dois amorosos, que continuaram logo no idyllio, sem darem pela minha entrada; no canto onde parara não chegava a luz fraca do lar — um

pavio embebido em kerosene e que já ia acabando de queimar. Raymundo fallou:

— Ora vê, Thereza, bateram na porta e não é ninguém. Entretanto pareceu-me ouvir pedir licença — pan, pan, pan, bellos amorosos, permitti! — Não ouviste, Thereza?

— Ouvi... Mas, talvez illusão do vento...

— Talvez alguma leria do halito enluarado do bom S. João...

— Que elle nos proteja, Raymundo.

E o festival dos beijos de novo começou a bailar na concha nacarada dos labios dos caboclos. A procissão do amor proseguiu, levando a custodia do osculo sob o pallio vermelho dos labios. Os olhos de Thereza desmaiavam de suavidade, rendiam, amorticendo-se, uma acção de graças, espalhavam no casebre quasi escuro a suprema eucharistia dos amores. A luz de kerosene tremia num estrebuchão lucido, que ora alourava o chão, ora o enchia de sombras dançantes, que pareciam errar com medo do cajado da Verdade, em que, fantasiosamente, eu me apoiava, olhando, e olhando satisfeito, porque sentia as sensações que viera procurando pelos morros, perseguido pelo rolar frenetico dos sons roucos do batuque, que os pretos de Santa Lucinda dançavam.

Lá, no meio da epilepsia choreographica dos ex-escravos, ficara aborrecido com o rumor enorme dos tambores e dos pulos, e não achava sensações nenhuma, pois os rapazes, completamente absorvi-

dos pelo furor das danças, nem se lembravam que a lua de junho é propicia para a calidez dos abraços nos corpos perfeitos das raparigas, abraços que geram ciumes, ciumes que geram tragedias, as quaes arrebatam tormentosas junto á eclosão das rubras azaléas do inverno... Lá, no samba, não achara sensações violentas nem suaves, viera vagando pelos morros, e, afinal, encontrara, no casebre do Raymundo, qualquer coisa que me tocara as fibras do coração no idyllio suavissimo dos caboclos, que me exauria a mente de todos os drámas inuteis para contos que agradem, enchendo-a de profunda paixão pela simplicidade primitiva dos caipiras. Alli ficara, na figura extranha em que viera, vestido de antigas roupagens e apoiado ao cajado da Verdade, vendo, pensativo, o Raymundo dar beijos calidos, beijos de dezembro, na bocca sumarenta de Thereza, bocca primaveril, bocca de agosto...

A luz bruxuleou, bruxuleou, morreu. Os caboclos já deviam ter dormido; decerto que se deitaram, sorrindo, no catre esponsalicio, que se abraçaram e depois dormiram, sonhando, o Raymundo com a Thereza, a Thereza com o Raymundo... Escuridão. Ao longe, quebrado nos recortes orographicos, echoa o batuque. Faz frio. De repente começa a entrar no casebre uma fraca claridade projectada pela lua, atravez das fendas. Alguma nuvem que occultava o astro, descobriu-o agora, e,

assim, a escuridão vae se desmanchando numa suave côr pallida, que destaca todos os recantos do ninho dos caboclos e o catre onde dormem, com as boccas unidas num beijo que adormeceu com elles... Eu, do meu canto, faço uma sombra esguia que vergasta o chão, e minhas fantasiosas vestes confundem-se em brancura com o luar, que atravessa as fendas e chega nuns leves toques encanecidos, que mostram a velhice dos astros... Uma lufada glacial entreabre a porta e a luz cahe dentro do casebre numa larga restea. De longe vem se approximando a toada melancholica de um villancico amoroso, que parece exprimir a tristeza de um abandono, a angustia de amores perdidos... Quando elle para, ouve-se o barulho afastado do batuque dos pretos de Santa Lucinda e, ás vezes, cruzam-se no ar os dois rumores — a dôr ingenua do villancico e o batido masculino do samba.

Thereza accordou. Ferira-lhe o ouvido a canção e ella bem conheceu, na voz que a dizia, a voz do Alipio, o que fôra seu namorado, antes de apparecer em Santa Lucinda a figura guapa do Raymundo... Estremeci, antecipando scenas violentas, e, quando o villancico estava bem perto do casebre, pareceu-me que naquella elegia passional havia uma fibra de odio, odio ao caboclo Raymundo, que roubara, surgindo naquelles sitios um bello dia, a linda amada ao rude carreiro Alipio... Thereza soerguera-se, assustada, no leito dos seus esponsaes com o Raymundo. Entretanto, a voz que

vinha cantando era doce e romantica, e a cantiga bem tristonha... Feria a alma.

Quando o Alipio passou pelo casebre, sua sombra, desenhou-se grande dentro da restea de luar. O villancico parára. Eu, com o cajado da Verdade prompto para traçar, no pó da estrada a historia da tragedia que se ia dar então, pois a Thereza tremia vendo a sombra do antigo amado estampada ao luar, esperei... Mas, a sombra do Alipio desapareceu, e dahi a pouco ouviu-se a cantiga que se ia afastando, cheia de uma dôr immensa, que parecia infiltrar-se na noite e dar melancholia a todas as coisas... Sempre, ao longe, o samba soava extranhamente na rouquidão dos tambores, e o vento, quando passava pelas arvores, dava-lhes convulsões de pranto, e parecia um grande choro cortante que vagava pelo morro, doente de frió, atacado da peste de junho...

O villancico, feito em rimas acaipiradas e ternas, do carreiro Alipio foi-se afastando até que se perdeu ao longe... A cabocla beijou Raymundo, que dormia tão socegado, e começou a rezar á Senhora dos Afflictos para que levasse a serenidade ao coração do carreiro, juntamente com o amor de alguma serrana bella de matar, afim de que a esquecesse, a ella Thereza, que adorava o seu Raymundo...

Ouvi extasiado aquellas palavras deliciosas e consoladoras, e vi scenas tão simples a que não viera turvar, como talvez quizesse para a confecção de contos, o drama atroz do facão do rude carreiro.

Alipio, brilhando sob os fiapos do luar que atravessavam as fendas do casebre, e entrando de rijo no peito largo do caboclo Raymundo, á procura do coração que seduzia raparigas e que enleicara Thereza — enquanto ao longe echoasse o batuque, imitando um côro de bruxos a praguejar... Nada disso houvera e eu, extasiado, fazia tenção de narrar, o mais simplesmente que pudesse, as scenas ingenuas que vira nessa noite do bom S. João, desde o milhão de beijos dos caboclos, beijos que diziam do pulpito vermelho dos labios a predica do amor, até a oração de Thereza, pedindo ao céu que dêsse novos amores ao carreiro Alipio, uma serrana morena ou uma caipira cheia de graça...

---

E a noite foi seguindo suavemente, num suave baptismo de luar. Ascendia, como uma prece barbara, ao firmamento, a alegria desordenada e rustica da choréa selvagem dos exescravos na fazenda de Santa Lucinda, e, apesar daquelle rumor brutallissimo, parecia descer do céu, nas diaphanas gazes côr de opala do plenilunio, o olhar de Deus abençoando o mundo.

---



## RECORDAÇÕES

Jacques, meu querido companheiro de infancia, lembras-te da cidadezinha risonha em que nascemos, da cidade em que nos educamos, lado a lado, com a nossa velha mestra d. Rita?

Quantas recordações! Hoje a escrever-te como ellas se me avivam, como me vêm em tropel á mente os seus rusticos habitantes, os seus arredores, o morro, o circo cheio, a politicagem, tudo enfim como que renasce ao lembrar-me de ti. Parece-me sentir ainda o perfume das flores do matto e ouço ao longe o menino da rabeca a tocar o final da *Traviata*.

E os passeios á venda da velha Conceição, encolhida, encarquilhada a um canto, a vender-nos doces, os melhores que tenho visto! Lá ficavamos ouvindo a velhinha contar casos da revolução de 42, toda a tarde, sentados á porta, eu em extasi mudo perante a natureza que desde pequeno adorei, olhando embevecido os altos troncos nús dos jequetibás e a floresta que além subia. Pelo caminho da cidade um ou outro cavalleiro vinha erguendo nuvens

de pó, com sua capa branca a voar e o palha enorme a tapar-lhe o rosto.

Lembras-te do Americo? como ficavamos contentes ao vel-o vir descendo do outro lado, da floresta, com o seu carro de bois, carregado de tóros de madeira, e á frente, de grande aguilhão: — «Eh! Brillhante, Eh! Mansinho», a tocar seus bois, seus companheiros, como lhes chamava. Sempre parava á porta da Conceição para beber a sua pinguinha, enquanto os animaes, seguindo de vagar, iam fazendo ranger o carroção. Lembra-vas-te então de encarapitar-mo-nos em cima da lenha e assim voltavamos para a cidade, ao escurecer, vendo além no morro o ultimo raio do sol morrer numa grotta e o Mansinho mugir voltando-se para o Brillhante. — «Conversam os boisinhos» dizias-me baixo, chegando-te mais para perto, enquanto eu resava uma oração que mamãe me ensinara, ouvindo na cidade o sino da matriz dar as Ave-Maria. — «Eh! Brillhante, Eh! Mansinho», dizia o Americo á frente, tocando com o seu comprido aguilhão os companheiros.

Viamos os primeiros pontos luzentes de um ou outro lampeão de kerozene e entravamos na cidade, meio a dormir com o lento balancear do carro e vendo surgir por detraz da igreja a lua — tua primeira namorada, a quem fizeste os primeiros versos.

Ás vezes o largo da Matriz estava deserto; outras vezes erguia-se nelle o circo de cavallinhos, para grande gaudio nosso, que lá iam bater as

mãos de entusiasmo, ou fechar os olhos, assustados, si algum artista fazia evoluções arriscadas no trapezio. Iamos para as galerias com o Diniz, o espevitado moleque de tua casa, que nos divertia com chamados á scena e bravos ás artistas mais bonitas, chefe do partido da Mariquinhas, a moça galante côr de jambo, que saltava arcos de papel, e para quem sempre arranjava um raminho de violetas que ia levar-lhe no intervallo, contando-nos proezas quando voltava: --- «Ih! nhônhô Jacques, que pernas!» -- e ria-se perdidamente, mostrando seus dentes brancos, em quanto tu promettias queixar-te á mãe do Diniz, a velha Thomazia, que fôra tua ama de leite, e que com uma vara de marmello ainda castigava o filho já grande. Mas não te queixavas, bem sabia o moleque, a quem ás vezes tambem pedias que te levasse *lí* para vêr aquella pequena que trabalhava no trapezio e que se chamava a... a... nem me lembra já, meu amigo, como ella se chamava, a menina do trapezio, com seus cabellos soltos e os olhos verdes, com a boquinha sempre a sorrir e a atirar beijos para todos os lados.

O seu nome foi-se-me, esqueci-o, mas á sua figura, como vês, ficou-me, e, fechando os olhos, ainda me parece vêl-a a balançar-se no espaço...

No dia seguinte contavamos aos meninos da escola o que viramos — alguns já tinham ido, outros iam naquella noute, e outros... e outros nunca iam, como o filho do Brun, o sapateiro, que nos ouvia tão triste, o coitadito, e que nos fazia repetir as

pilherias do palhaço que trazia sempre um relógio pintado nos calções. Lembras-te do palhaço, Jacques? Tenho visto outros, muitos outros (não só nos circos, como na vida real) mas nenhum me fez rir tanto. E o Brun não se cançava de ouvir-te, fazia-te contar toda a função, e assim se passava o recreio indo tu ainda contar a pantomima na sala de estudo, disfarçando, fingindo que estavas lendo; para a d. Rita não perceber; e entusiasmado, pela atenção e risos abafados do italianito, distrahias-te e elevavas a voz... — «Jacques!» gritava a velhota. Silêncio. Ouviam-se as moscas voar, e olhavas de soslaio para d. Rita que sentada a uma mesinha puxava agora seu grande lenço de ramagens, nelle cuspiam e dobrando-o, o guardava.

Já me estou estendendo muito; adeus meu caro Jacques. Quantas saudades dos tempos da meninice e como eu sinto ainda, ao escrever-te, o perfume agreste das flores do matto, como me parece ainda ouvir os contos da Conceição e o Americo a descer a floresta: — «Eh! Brilhante, Eh! Mansinho, Eh!»



## VELHOS MARUJOS

O Thomaz rejubilava-se todo ao lembrar-se das suas façanhas no mar, mas logo lhe vinha a funda nostalgia daquelles tempos e uma saudade immensa do velho oceano, que conhecia tanto e que tanto amava. Agora, está velho, bem velho e em frente a suas cans os pescadores jovens curvam-se com respeito, quando voltam da pesca, ao crepusculo, e que o encontram, pitando o seu cachimbo na praia sobre uma pedra musgosa.

— Bellas tardes, Thomaz.

— Ora vivam, meus filhos.

E, pitando, muito calmo, revive dentro da alma todas as façanhas no mar, vendo o colosso rolar coando seu rumor monotono atravez da doçura ensanguentada do pôr do sol, que se vae mergulhando nas aguas douradas... Depois, zás, lá se vae de todo o grande astro e uma côr esverdeada cobre as aguas e rola com ellas pelas areias da praia e, vezes ha em que as ondas vêm molhar os grossos sapatos do velho marujo, que pita, sobre o rochedo, pensando em suas façanhas e em seus

antigos amores. Vae ennegrecendo, ennegrecendo e o barulho do mar sobe...

Eh! os velhos amores! como elle os revê na mansidão evangelica do crepusculo, e como as raparigas que amou lhe apparecem dengosas, com seus saiotos de festa, na doçura espiritual do fim da tarde que vem envolvendo a terra e o mar numa religiosidade infinita! Eh! a velha Marocas, a Olivia, a bella Flora e a Paulina! mas, qual velhas, qual! ellas revivem, mas são moças, como quando tinham vinte annos, com os seios estufadinhos atraz da renda da camisa e com aquella bocca...

Ai! a bocca da Paulina, meu Deus! e o Thomaz, largando o cachimbo, fica com os labios entreabertos e os olhos além, além, emquanto ouve de lá ao longe, por traz das casitas de uns barqueiros, virem chegando as tres pancadas do sino da capella da povoação. Vêm chegando, espaçadas e calmas, de vagar, e cahindo plangentemente pelos morros e pela praia, onde o mar rola num rumor santo de rezas, de bonissimas rezas no seu barulho monotono. No coração do velho marujo ellas vão recordando alegrias mortas e seus amores. Depois param e a noite vae cahindo, cahindo, e cae de todo. O mar diz umas coisas muito doces aos astros do céu, e rola, ora dulçuroso, ora plangente.

O marujo apaga o cachimbo, depois de ter, na ultima fumarada seguido o perfil antigo da bella Flora que se ri nella, ennovelando-se pela noite e subindo para o céu, e dirige-se vagaroso para a casa

do Zé Brito, um velho pescador que descança a velhice, muito esquecido do mar, entre uma imagem de Santa Maria e a bôa da mulher, a Paulina.

Vae-se afastando da praia. O mar começa a gemer e, como si uma grande dôr estivesse a magoal-o, as suas vagas rebentam soluçantes nas rochas. As estrellas vão-se sumindo, sumindo e venta...

Vae começar o temporal e pobre da gente que anda a navegar!

Passou-se um certo tempo e começou o horror do vento largo e rijo a bater nos casebres. O Zé Brito benzeu-se e depois ficou á escuta do que fazia o vento — corria, dansava, torcia o casebre e tornava a correr... Ouviam-se as vagas subir e partirem-se com estardalhaço no ar ou então virem rolando raivosas dar nos rochedos.

— Parece que parte os rochedos, este damnado.

— São os diabos...

E o Zé Brito balbuciou baixinho uma reza á Virgem, emquanto o Thomaz, sentado a um canto, como que entendia o que estava a contar o mar, como que sabia que eram os naufragos todos juntos que faziam esse rumor, rezando, e quando diminuia o vento e o rumor fraquejava numa voz debil, então era a Marocas que chorava do fundo das aguas, de saudades e de ciumes...

— São os diabos, dizia o Zé Brito com os olhos a rezar, fixados na imagem de Santa Maria.

A Paulina dormira, fatigada, com muito pavor, e parecia que ainda assim não socegara, pois estava sonhando com velharias, e de quando em quando, dizia umas palavras sem nexo donde se destacavam nomes de pescadores mortos ha muitos annos. O Zé Brito, com os olhos arregalados, via que o vento ia augmentando cada vez mais e que o casebre tremia sob o impulso dos diabos. Parecia-lhe que a Santa Maria se velava de sombras, que se mexia, que ia cahir da parede e, de repente, ella foi ficando negra, e negra, ficou tudo, tudo negro...

— Eh! *seu* Zé Brito, olha a luz que apagou. Tá dormindo, heim?... Deixa, eu accendo.

E o marujo, accendeu de novo a candeia e da luz sahiu, muito consoladora e poderosa, a Santa Maria com seu manto celeste e os seus cabellos negros, embora lá por fóra o vento mais e mais augmentasse. O casebre ficou todo claro e num canto desenhou-se a massa escura da Paulina, com a cabeça tombada nos braços no meio do collo, dormindo, e as barbas do Zé Brito alvejaram de novo.

— Que diabo, você está assustado, Zé Brito? Ora, deixa, que isto não é nada, não; e depois de uma pausa: — A dois velhos amigos do mar, o mar não mette medo e que o vento danse, o damnado, que importa?

— São os diabos, repetiu o Zé Brito.

— Que sejam os diabos.

O vento era tão forte que agitou nesse momento

o sino da ermida da povoação e o sino chorou de mistura com o uivar do vento. Depois, houve uma ligeira calma e aos ouvidos do Thomaz chegou a voz da Marocas que chorava do fundo das aguas... A ventania recomeçou porém, e o casebre de novo começou a tremer; a ventania foi crescendo, crescendo, e de longe chegaram gritos de pavor, chamando por soccorro. O velho abriu a porta, mas o vento bateu-lhe duramente na cara, obrigando-o a entrar de novo; um relampago, entretanto, mostrara-lhe por terra a casa do barqueiro Daniel e o vento trouxera-lhe nitidos os gritos. Depois, a porta de novo fechada, os gritos tornaram a ir para longe, pedindo soccorro, soccorro, sob a grande risada diabolica do temporal...

— Foi o Daniel...

E ajoelhou-se defronte da Santa Maria. Instantaneamente o vento applacou, mas quando elle começou a rezar — Ave Maria, cheia de graça... o vento lá fóra rugiu muito, muito, batendo grandes pancadas na porta, querendo entrar, de certo para levar alguém para o mar...

Nova rajada abriu á força a porta, apagou a candeia e, num enorme soluço, derrubou a Virgem do seu altazinho na parede. A Paulina accordou e poz-se a gritar; pensou que eram aquelles velhos pescadores mortos com quem sonhava que vinham busca-la... O Thomaz, praguejando, fechou de novo a porta, sustendo-a com um tamborete onde

se sentou, apoiando-se á madeira, e o Zé Brito acendeu a candeia:

— Eh! mulher, não té assombres, heim? De quem estás tu a fallar? De mortós, vejam só! Vae buscal-os á cova.

E todo claro o quarto, viu a imagem de Santa Maria quebrada no chão. O vento, lá fóra, macabro, ria na noite alta, e emquanto o Thomaz firmava bem o corpo de encontro á porta, elle sentara-se num banco procurando juntar os pedaços da imagem. A Paulina acocorara-se de novo e, como si aquelles instantes tivessem feito parte do seu sonho, logo os misturou com os mortos que novamente vinham nas chicotadas do vento, nos pesadellos... O vento diminuiu farto de tanta furia. O Zé Brito, muito pesaroso, procurava cuidadosamente concertar a imagem da Virgem e o seu velho amigo adormecera, de quando em quando sobresaltado por uma lufada mais rija que batia na porta.

A Paulina, com a cabeça mettida entre as mãos, no collo, deixava sahir palavras entrecortadas do que sonhava. De repente, ao mexer-se, sua cabeça pendeu para traz e ficou encostada á parede, e as palavras que lhe sahiam difficilmente, quando estava com os braços sob a cara no collo, sahiram-lhe muito claras e ao ouvil-as o Zé Brito pasmou... A mulher sonhava com a mocidade, fallava de amores, de seus amores com o Thomaz...

Então, com uma infinita raiva, foi com as mãos desconjuntando de novo a imagem da Santa, ao

saber agora, por aquella casualidade, que o seu camarada, que alli estava, fôra um infame, que a Paulina o enganára com elle, que fôra sua amante... Poz-se a chorar como uma creança e o velho Thomaz remoçava extranhamente nos labios da Paulina, que, sonhando, dizia phrases cheias de loucura, cheias de amor...

A imagem de Santa Maria cahiu de novo com um barulho secco no chão, das mãos do antigo pescador. A cabeça da Paulina tombou novamente para o collo e as palavras que dizia tornaram-se inintelligiveis. O vento começou a uivar sinistramente.

O Zé Brito, de pé no meio do casebre, parecia uma estatua de pedra si não fossem aquellas lagrimas que vinham rolando pelas suas barbas. Nunca desconfiára da Paulina, nunca, e agora depois de velho, de prompto para morrer, é que sabia tudo... O vento augmentava com desolação.

— São os diabos, disse elle inconscientemente.

A ventania bateu com força no casebre e o Thomaz accordou de brusco. O outro, rapido, passou a manga da veste pelos olhos para limpá-los e pegando de novo na imagem da Virgem, poz-se a concertal-a com as mãos tremulas e querendo muito achar nas pupillas da Santa um olhar de consolação...

— Lá recomeça o maldito, disse o Thomaz, e entreabriu a porta para espiar.

Noite ainda, mas já se podia entrevêr a aproximação do dia.

O vento não augmentava mais, e uma luz, quasi indistincta, foi varando o céu. O vento amainou, muito. O leve rumor do mar parecia agora ao Thomaz que era o riso argentino da velha Olivia... Ora, adeus!

A luz foi-se firmando. Uma claridade dubia rasgou a treva e pela abertura appareceu a cara do dia ennevoadado e sombrio.

O Zé Brito achara afinal nos olhos da Virgem um olhar de immenso consolo. Pelo seu manto azul foram correndo muito de mansinho as lagrimas do antigo pescador; a imagem de Nossa Senhora sorria cheia de piedade e amor, e, lá fóra, as vagas gemiam amarissimamente...

...E o Thomaz, ao longe, afastando-se, ia a cantar uma velha canção de amores, talvez a mesma dos seus tempos de moço, com que seduzia as rapargas... Talvez outra.

---

## Pobres pequenos

— Paremos aqui, descansemos, Rosalia. Anoitece e daqui ha pouco será noite cerrada. A sombra desta arvore é grande; abrigar-nos-ha. Não tarda por ahi o luar. Como te sentes, minha Rosalia?

— Mal, Joaquim; cada vez peor; estou tremendo de febre...

— Cada vez peor!... Meu Deus!...

Effectivamente a noite cerrava-se sobre o mundo, num immenso silencio melancholico, entrecortado de longe em longe pelos pios agoureiros das corujas, que tinham seus ninhos no fundo das grotas montesinas.

Num profundo espasmo, numa catalepsia de morte, o fraco vento, que soprara ao crepusculo, diminuia em um progressivo declive de fraqueza, e mal agitava as franças leves da matta solemne e grave, que uma estrada cortava dirigindo-se para um povoado proximo. Alli mesmo o Joaquim acampou, levantou a sua barraca de lona, estendeu a esteira, onde Rosalia logo se deitou ardendo em

febre, e, sentando-se ao pé de sua mulher, poz-se a pensar tristemente na sua desgraça, e como um complemento torturante já imaginava a Rosalia morta, deixando no abandono os dois pequenitos...

— Eh lá! Eh! pequenos, vocês não têm medo da noite, não?... gritou elle, vendo os dois filhinhos, o Manuelito e o outro, o pequenino, que não tinha nome, pois ainda não fôra baptisado, correndo na estrada, aproveitando-se do lusco-fusco final do dia, legado pelo poderoso clarão, cheio de cores fortes, com que se enterrava o sol no occidente, pomposo cemiterio de sóes. O Manuelito ria-se gostosamente, escapulindo-se á péga do maninho, e este assim, deste tamanhinho! com as perninhas tortas e um gorro na cabeça, atrapalhava-se nas suas calcinhas compridas, herdadas de qualquer fidalguinho da cidade, a quem de certo agradara com suas proezas de saltimbanco incipiente, filho do réles palhaço Joaquim e da Rosalia, a rainha do trapezio, gentil rapariga de olhos castanhos. — Eh lá! pequenos, entrem, andem, venham dormir, sua mamãe está doente, a coitada!...

— Mamãe?!

Os pequeninos pararam um pouco, assustados com a voz mudada do pae. Geralmente elle os animava nas suas correrias, fazia-os dar cambalhotas, ria-se com elles, e, levantando-os pelas pernas, elevava-os ate uma bôa altura em que alcançassem flores nas arvores, e mais flores, e mais, até formarem um ramalhete que os dois iam levar, farandu-

lando e desconjuntando os corpinhos, até a senhora dona Rosália, sua nobre mãe, em frente de quem se curvavam em umas reverencias muito comicas, nas quaes o Joaquim os andava exercitando para tomarem parte na grande pantomima da Gata Borralheira, a feliz *Cendrillon* das fadas, pantomima do repertorio do palhaço e de um successo seguro.

É facil de imaginar, pois, a dôr que os pequenitos sentiram com aquella voz maguada do pae, onde não se mostrava nem um traço da sua alegria communicativa, e onde parecia passar um enigma dolorido para os pobres meninos, nascidos e acostumados no meio de grandes risadas, de estalos de bofetadas fingidas, de pilherias e de palmadas bonachonas, e sabendo já muito bem cantar nas boquitas o ritual brilhante da gargalhada, ao verem as desmandibulações ultra-comicas dos camaradas, mais velhos e mais sabios, ou ao se lhes deparar a caraça do papae, toda pintada de branco, a declarar ardentes amores á propria mulher, á Rosalia, que num chiquismo triumphante de sedas e de vidrilhos, lá bem no alto, junto ao tecto do circo, deixava ver a torneação bem formada das pernas, no mais perigoso trapezio, em noites de funcção.

Acostumados e crescidos no meio de uma palhaçada infrene de risotas e de descuidos, modelando com arte a difficil sabedoria de soltar uma gargalhada estrepitosa, sem falhas, uniforme; educados a adorar a força dos hercules, os musculos dos acrobatas e a intrepidez dos cavalleiros, mal calcu-

lavam elles, os pobres pequenos já quasi orphans de mãe, que houvesse na voz humana inflexões de dôr que podessem fazer brotar nos corações um incommodo de magua, inflexões como aquellas que o Joaquim tivera, chamando-os para a barraca onde agonisava Rosalia, inflexões cheias de singular agrura, onde parecia arrastar-se uma lamentação...

O Manuelito parou de correr e veiu logo, tocado extranhamente pela voz do pae, onde lhe parecia haver uma tristeza que lhe lembrava uma vez, não, duas vezes, em que o ferira a melancholia, innata no seu pequenino coração de filho destes Brazis incompreensivelmente nostalgicos, porém abafada pelo meio lentejoulado em que vivia, tendo no ouvido a perenne musica do rir do guiso. Agora, essas duas vezes recordavam-se-lhe na memoria, revivendo o exquisito pavor que ellas lhe tinham dado, pequenito que ainda era.

Uma vez, fôra na *troupe* do... do Pardini, é isso, durante um espectaculo de gala. Entristecera-o, com uma especie de medo incoercivel, o choro, um choro verdadeiro cortado de lagrimas, que vira cahir das pupillas congestionadas e correr pela cara sarapintada de um velhito, que, para ganhar o seu pão, teimava em conservar-se *clown*, como dizia, e que, nessa noite, pateado, escarnecido pelo circo em peso, foi posto fóra da companhia pelo director com um pontapé e um cortejo de chufas dos camaradas. O velhito *clown* chorara, chegara a ajôelhar-se,

dera uma terrível cambalhota para mostrar que ainda prestava, mas nada movera o bruto do Pardini, e elle foi posto fóra, escorraçado pelos mãos companheiros, vaiado pelas *ecuyéres* bonitas e acompanhado pelo pé do hercules que ia gyrogyrando plantar-se brutalmente no az de páos que o senhor *clown* trazia pintado nos calções. Este, entretanto, chorava como uma creança, bem sabendo que em nada mais poderia ganhar a vida, entoxicados como tinha o corpo e o cerebro na vida de palhaço. O seu choro então impressionara muito o Manuelito, a quem aquellas lagrimas semelhavam uma abominavel mentira no meio daquellas chufas, das risotas, daquella alegria aspera, e sincera á força de habito. E tivera ganas de estrangular o máo do hercules...

Outra vez fôra... fôra a outra vez... fôra.. ora esta! e o rapazito nem se recordava mais, na sua cabeça de brutinho, da causa que o fizera triste de outra vez, as duas unicas occasiões guardadas na sua mente da miscellanea talvez bem grande das dôres que poderia ter visto no meio falso, brilhante de pandarecos de metal ordinario, da vida em que se creava. E a visão tristonha do pranto do velho *clown* expulso, voltava-lhe agora nesse lusco-fusco legado pelo crepusculo, naquella dormencia de prologo da noite, em que se misturavam no firmamento a alpha luctuosa da treva com o omega de purpura em que terminara o dia, no tumulto rubro do poente onde parecia erguer-se um mausoléo de sangue. O Manuelito achava na voz

do seu papae uma dôr desconhecida no palhaço, uma innenarravel magua.

— Eh lá! pequenos. Venham beijar sua mãe, andem, venham... e sua falla despedaçava-se num agonisar de soluços.

— Mamãe, é?... disse o mais pèqueno, e entrou correndo, julgando que tivessem acontecido coisas phantasticas á Rosalia, julgando nem sabia o que, mas, encontrando com o olhar da mãe que parava nelle cheio de caricias, apossou-se de uma grande alegria, e, manifestando-a em cambalhotas estapafurdias, chegou-se a ella, que ardia em febre na esteira, e pôz-se a repetir-lhe, como suprema expressão de amores, as declarações grotescas e exdruxulas que ouvira o Joaquim, o papae, dizer-lhe, quando ella se bamboleava no trapesio mais alto...

— Olhem este amorsinho, este diabinho, que graça! Coitadinho... e Rosalia sorriu.

Era certo, entretanto, que a Rosalia ia morrer... Via-se bem que não demoraria muito. O Joaquim chegou-se perto da esteira com os olhos avermelhados borbulhando de choro. Manuelito olhava Rosalia tristemente, e passava pelos seus olhinhos de palhaço aprendiz todo o riso que ahi costumava haver, curvado em funeral. Morrer! elle não entendia bem o que queria isso dizer, mas na sua intelligencia acanhada despertava-se uma idéa nefanda de solidão eterna, de perenne separação da sua mamãe. Morrer! devia doer muito morrer!...

O pequenino, socegado e já indifferente, fôra

para a estrada, de novo, contemplar o fulgor serenissimo das estrellas. Logo dormiu, mansamente abençoado pelos pequeninos astros.

Rosalia ia morrer. Olhou o Manuelito e olhou o Joaquim, numa suprema despedida. Passou por esse olhar toda a pena que ella levava de morrer tão cedo; passou por elle todas as ovações que tivera, os applausos que arrancara, os amantes com quem enganara o palhaço seu marido; passou toda a revolta que soffria da impiedade da morte levando-a tão rapariga e tão bonita. O amor dos filhos chorou doloridamente nesse olhar final, nesse olhar tão longo em que desfilaram, com uma velocidade espantosa, todas as commoções de sua vida, e quando expirou, seu corpo tremeu violentamente, pois lhe pareceu que cahia do trapezio mais alto e mais perigoso do circo do palhaço Joaquim...

— Está morta...

Manuelito, com os olhos seccos, brilhantes, cruzou as mãosinhas e assim ficou, calado, sem saber rezar. O palhaço chorou, com contracções nervosas e ridiculas, lamentoso, miseravel, com um pranto rasgado de saltimbanco de feira.

O pequenino, dormindo na estrada, socegado-mente, sonhava nesse mesmo instante, que afinal chegara o grande dia da *Gata Borralheira* e elle, com umas roupas vistosas, representando um imperador da Europa, vinha galantemente curvar-se perante Cendrillon, que no seu sonho tomava a fórma de uma menina bonita como sua mamãe Ro-

salia. Sua bocca sorria, num lentejoulado sonho de palhaço, enquanto no céu se elevava o silencioso officio da liturgia astral. No sonho, a mamãe tomava a figura bizarra e pequenina de Cendrillon, e elle ia beijar a mão de Cendrillon...

— Mamãe...

---

# Cartas á minha irmã

## I

### Saudades

18 de novembro de 1893.

Ao abrir um velho dicionario para procurar uma palavra, achei entre as suas folhas amarellecidas uma flôr sêcca. Quedei-me, ao vê-la, e como a manhã estava brúscas, toda ennevoadas, aquella flôr morta foi-me a evocativa de uma saudade que despertou de manso no meu coração e se alastrou violenta á proporção que eu cheirava os filamentos fanados e já sem cheiro da flôr esquecida... Quem a esquecêra alli, naquelle livro annoso que foi de meu pai e que eu, ingrato, abandono a um canto, só de quando em quando o consultando para buscar a harmonia cantante de uma palavra ignorada, a qual dê lustre ao meu pobre escripto? Quem a esquecêra alli, naquelle livro tão antigo, já roído pelas traças incançaveis? Talvez minha avó, como a mais modesta e a mais grata lembrança para o seu filho... Talvez minha mãe quando foi noiva, e que, deitando-a naquelle livro velho, symbolisava a amizade duradoura, quasi eterna, como aquelle sa-

bio livro, que ella votaria ao seu escolhido... Talvez fosse minha mãe que alli a tivesse posto, mas folheando mais o dictionário, achei mais flôres, algumas até já rompidas pelos tempos, e, junto ás quaes, a que eu achára primeiro tinha um resquicio de mocidade. uma côr dos meus dias... Então foste tu que alli a puzeste, não foste, minha querida irmã, minha Helena?

... E ólho a flôr secca, como que achando que a envolve uma nevoa infinita de recordações tuas, donde como que se me desprendem os teus olhos, fitando-me muito: parece-me até ouvir tua voz chamar-me, e, nesta manhã fosca, ella toma um timbre mysterioso como que vinda de muito longe, de muito longe.

Viajas, vês paizes que não conhecias, aprendes usos que ignoravas, no teu adoravel descuido de sempre rir... Passeias pelo mundo, guardando na memoria tudo o que viste, para depois m'o contares, muitos dias a fio, embalando-me com a tua voz carinhosa, e eu, com as palpebras cerradas em um meio sonho, transportando-me, a correr, para todos os logares que tiveram a sensação deliciosa de ouvir as tuas risadas, e que tu me descreverás com a tua imaginação ardente, onde borbulha a phantasia viva e todo o encanto das brasileiras, das filhas deste paiz de enlevo e de poetas... Contar-me-ás tudo o que viste, não é assim?

... Japão! E' ahi que agora debes estar, no paiz das sedas. Só este nome — Japão — retum-

bante e curto como uma nota de violoncello, como uma pancada de bombo, traz-me á mente um mi-lhar de paizagens exóticas, um bando alegre de ja-ponezas, com grandes alfinetes nos cabellos e den-tes envernizados á lacca, com suas mãos de fada a balançar a ventarola, em que vem pintado o amor de um equilibrista pobre, de chinelas velhas, com a filha do magnata, de covinha de riso no rosto, onde brilham dois olhos açafroados...

Basta este nome — Japão — brève e empolado como um beijo sensual, para me trazer á mente uma miragem que se estende em frente de uma planicie branca de plantações de arroz, batidas de um sol valente, que se pendura do céu, alumando a região exquísita do Japão.

E eis que volta este nome em que as duas uni-cas syllabas rebentam cantantes e cheias. Traz-me agora a vontade do amor excentrico de uma japo-neza catita, chamada por exemplo Mei-Ho, que por mim se apaixonasse e que eu raptasse ao pai, um velho impossivel de nariz adunco, e lá nos fosse-mos em fuga para a China proxima, numa barcaça, eu a beijar-lhe a bocca perfumada de essencias, por sobre o falar zangado e continuo das aguas e en-suflado pela brisa marinha, que desmancharia á ja-poneza catita, o tufo dos cabellos enrolados no alto da cabeça pequenita e redonda, emquanto ao longe, muitissimo ao longe, mui ao longe, se perdem as costas e se afundam as casas de tectos afilados do encantado paiz do Japão...

E esse pensamente crystallisa-me o cerebro em uma idéa de alegria; e como aqui, por este céo brazílico, o sol já atravessou as nuvens, dando-lhes pinçeladas de azul, e assim não ha motivo para tristezas, tendo ido o velho dictionario dormir de novo no canto das traças, abandono-me á minha phantasia e acompanho-te, minha irmã, pela terra mirifica que honra o nome sonoro de Japão, corro atraz daquelle velho japonéz maluco que alli vai ás pernadas, cóm desengonço, corto-lhe o longo, rabicho, o qual embrulhado em brocado fino, trarei para esta minha banal choça paulistana e, pregando-o na parede, me servirá de inspiração nos dias de tédio...

---

## II

### Primeiras noticias

28 de dezembro.

Num papel fino com flores ligeiramente bordadas, numa tira extensa e larga, fomos hoje alegremente saudados pelas primeiras noticias tuas da terra do Mikado. Esse papel japonéz trouxe-me uma sensação nitida do magnifico paiz e, atravez das delicadas ramagens das flores artificiaes, surgiu-me perfeita a caraça bonachona de um burguez do Japão, serio e grave, com o rabicho torcido em uma penca no cocuruto... Abriu-se-me a bocca em um riso jovial, ri-me, e o japonéz sumiu-se e desen-

rolaram-se-me á vista as linhas da tua escripta apressada e impressionista, que se vae bamboleando pelo papel abaixo, como uma mandarina de Tokio vae pela rua principal da cidade, á escolha de rendas com que se enfeite para, á hora calmosa da sésta, emquanto o vento toca sua marcha solemne de assobios pelos arvoredos do jardim, ir, toda gentil, toda esbelta, toda em enfeites, coçar com o dedo minimo o queixo rapado do marido pansudo... E o arvoredo, por entre os assobios, estremece, pois é a hora sagrada em que o occidente com sua guéla de fogo engole o sol, deixando o céo vivo sepultar-se na treva, d'onde brotará o globo macio da lua, com o facho languido do seu clarão a rodar pela terra... E a tua escripta vae-se bamboleando pelo papel abaixo...

Depois, quando me contas que no dia de S. Malaquias, em que completou mais um feliz anno S. M. o Imperador do Japão, admiraste, indo ao baile de gala, uma princeza com a frente de sua veste toda repleta de joias de custo, saltou-me na mente, na mente phantasiosa que teu irmão tem, um sonho asiatico que me foi, sem cerimonia alguma, collocando no salão de baile, nos braços côr de marfim da princeza, numa dansa cheia de meneios acrobaticamente voluptuosos. E noutro dia teu irmão, minha adorada irmã, era um principe, pesado de pedrarias, depois de ter passado algumas curtas horas, á espera do sol, num immenso leito principesco, em um quarto coberto de tapeçarias,

com uma claraboia de vidros de côres, por cima da qual a lua arregalava o seu olho sensual... E apenas a manhã, a doce e fresca manhã japoneza, desabrochava do calice escarlate do oriente, eu ia passear nas ruas e praças da cidade a minha riqueza e a minha felicidade, e nas lojas de bibelots os caixeiros, sentados nos balcões, embasbacavam-se a me olhar, e, á porta das vivendas dos nobres, dos ministros, dos fidalgos de rabicho que se arasta pelos pés, as meninas aristocraticas vinham offerecer-me, num sorriso atrevido dos seus olhos compridos, sua deliciosa virgindade...

E lá se me foi o sonho asiatico, e aqui me acho só, com uma saudade maguada das joias de custo da princeza...

Esperas anciosa pela festa dos cysanthenos, que, segundo dizes, promette maravilhas, pois é a festa da flôr de coração do japonéz, o symbolo justo do paiz brilhante na sua côr de ouro desmaiado, a flôr cuja prisão galante é a cabelleira cheirosa da japoneza, essa cabelleira que rescende ao musgo cheio de volupia mysteriosa, juntamente com o aroma provocante do arroz secco... E quantas d'essas cabeças cheias de aroma não hão de ir encantar a festa dos cysanthenos, e como eu sinto não ser japonéz para as enrolar debaixo do meu braço, pelas noites callidas, e ir beijando-as, beijando-as, até que o sol salte no céu, jocoso, e rubro, qual um demonio chocarreiro...

... E passaste o Natal de Christo, o nosso Deus,

no paiz de Confucio, o philosopho mystico de sol e de divindades pagãs de grandes ventres. Emquanto ahi estás, nasceu por cá o menino Jesus e ai! que lindo que elle nasceu! Depois de uma grande trovoada, brilhou no céu lavado a lua pura, casta e immacula como Maria de Nazareth, e em todas as hortas, por entre o halito fresco das hervas, os gallos cantaram boas-festas, e os sinos badalaram tranquillos, com revoadas de preces, chamando-me para a missa, a mim, este teu irmão hereje, que sente no emtanto a alegria expandir-se-lhe na alma no santo dia de Natal.

### III

#### A Republica do Japão

1° de janeiro de 1894.

Anno Bom, badalando doze vezes, doze graves vezes, chegou por uma noite negra, mais negra que o rei Melchior, o mago, o qual a estas horas se encaminha pelas estradas de Bethlém, á procura do presepe, para dobrar seus joelhos perante o Messias e oscular-lhe a bocca, ainda humida de leite, e que será osculada por Judas e que será osculada por Maria de Magdala. Anno Bom chegou, trazendo festivos risos e promessas de encantar, e ouço lá fóra cantarem os passaros, e sinto dentro de mim o coração encher-se todo elle de esperança, como

si o meu coração, sangrento de saudades tuas, fosse uma preciosa esmeralda...

Saudades tuas e muitas, Helena, enquanto tu ahi, no insular imperio japonéz, adoras com a tua admiração as collossaes estatuas grotescas dos Budhas, e, vestindo-te á japoneza, vaes de braço cruzado com o de teu marido, curiosamente perambular pelas ruas de Yeddo, seguindo com os olhos, pensativos de recordações do Brazil, os papagaios de papel que os pequeninos japonezes soltam no céu claro e que lá se vão para outras terras...

As ruas são populosas, cheias de bazares de quinquilharias, dentro dos quaes se veem os pacientes e immoveis filhos de Nipon, com os narizes sensuaes, olhos obliquos e côr de marfim revelho na face larga, cuidadosamente recortando, em enormes dentes de elephantes, marionettes de bufalos, ou fazendo de um tronco de páo surgir a figura bizarrissima de um bonzo, com immensos bugalhos d'olhos, cauda de sereia e uma bocca chata de peixe... E alli se ficam, horas e mais horas, numa paciencia de Job, o nosso biblico, tão mudos e quietos como o enorme candelabro de bronze que a um canto do bazar levanta a sua figura exotica de uma grande cegonha erguendo-se sobre a massa rasa de uma tartaruga... E o sol sobe e o sol desce e sempre a passeiares com teu esposo, o novo mandarim Leopoldo, com a curiosidade a rir-se na tua bocca, nos teus lindos olhos, e no farfalhar constante de tua roupagem de seda de senhora mandarina...

— Mikado! Mikado!... e assoma no extremo da rua a figura do chefe do paiz do arroz, saudado pelos gritos da populaça, na sua linguagem interessante, em que as palavras como que se vão quebrando em syllabas. — Mikado! Mikado!... e a caleça d'ouro aproximando-se, as cabeças curvam-se em adoração ao divino e optimo japonez, e é ainda sob os gritos de Mikado! Mikado! que a caleça se some no outro extremo da rua, tendo passado como uma visão pelos olhos do mandarim Leopoldo e da mandarina Helena, os dous falsos mandarins, que vão peregrinando pelo imperio das ilhas, pelo amoroso paiz da porcellana... Mikado! Mikado! e o imperador passou, e immoveis, com a paciencia biblica de Job, japonezes nos bazares recortam marionettes de bonzos

... Mas, subito, estala na imaginosa mente brasileira do mandarim falso, uma idéa; cresce, cresce mais, e envolve-lhe a cabeça, rubramente, como um barrete phrygio: — a Republica Japoneza!

A felicidade acompanha os estrangeiros como agora os tres reis magos estão acompanhando a estrella que os conduz a Bethlém: revoluciona-se pois o Japão e para o céu claro, claro como um prato de porcellana, sobe o optimo e divino Mikado, que se matou de tristura, dormindo no seu salão imperial, no meio de uma multidão immensa de crysanthemos em flôr, que cheiravam agudamente, na sediciosa noite em que pelos ares do Japão, refrescado de brizas marinhas, corriam e se cruzavam os

gritos de Republica, e quando a aurora se torceu em convulsões louras lá para os lados em que o sol nasce, o mandarim Leopoldo, teu esposo, minha irmã, era quem presidia o paiz dos arrozaes, como Cidadão divino e optimo.

Cá, nesta S. Paulo, na minha vida banalissima recebo um telegramma: «Vinde, sois o meu mandarim letrado, o meu ministro das lettras; mando ao porto de Santos para vos trazer uma jangada de placas de ouro e velas de seda. Busca-vos o nobre Taiko-Sima e alimentar-vos-eis com deliciosas ostras que mandei apanhar no estreito de Sangar, e com as perolas que nellas achardes, fareis adorno para a veste de mandarim que Taiko-Sima vos leva.» E eis-me no mar, no mar sem fim, a aprender o japonês com Taiko-Sima, que é um galante mancebo, que já me vae iniciando no mulheroio de Yeddo, contando-me historiolas de namoradas...

— Terras de Zipangú, terras de Zipangú! e Taiko-Sima, agitando seu lenço bordado, berrava de alegria, vendo pular das ondas a terra do Japão.

Festas varias, funcções de gala inacreditavel, folgares do poviléo em massa e uma mensagem laudatoria em papyrus excellente dos litteratos japo-nezes, acolheram o ministro das lettras. Correram boatos de que muitos senhores serios entraram em casa de suas burguezas esposas a oscillar e palrando em demasia, e disseram mesmo que o novo mandarim letrado tomara uma camoeça... Calumnias, senhora minha irmã a mandarina, calumnias...

Passada entretanto a azafama festiva, a saudade de uma formosa mulher de profundos olhos negros, que eu deixara no Brazil, foi-me prendendo na sua melancolia, e fugia-me da penna a inspiração ao escrever os relatorios litterarios, pois me obsecava a nostalgia do mar negro dos olhos da brazileira formosa. Mandei-a buscar na minha terra, e, na vespera de sua chegada, mirei meu corpo nos espelhos do meu rico palacio: já engordara algum tanto e já meu rabicho se balançava ao vento, quando ventava... Estava formoso.

Jangada de placas de ouro e velas de seda, que fostes buscar minha amada, agora podeis chegar; aqui da praia vos saúdo e os meus braços abriram-se e estão abertos á espera de estreitar dous seios grandes, grandes como duas grandes rosas.

E a jangada chegou e nella a minha formosa patricia trazia seus profundos olhos negros.

— Salamaleque! mandarim peralta.

— Salamaleque! feiticeira dama.

E dando-lhe o braço, ella deu-me o seu, e foi assim que entrámos, eu na minha redondeza de mandarim gordo, ella na sua alegria de ser minha, pelas ruas de Yeddo, e festas varias, funcções de gala inacreditavel, folgares do poviléo em massa saudaram nosso consorcio, quando patriarchal sacerdote budhista nos uniu.

Á noite entrámos juntos, pela primeira vez sósinhos, no nosso quarto de casados. Ella vinha medrosa, eu vinha atrevido, e furtei-lhe um beijo

dos labios, um beijo dado com tanta força que...  
accordei sem querer do sonho que vinha dormindo  
por estas linhas abaixo

---

#### IV

##### Pagina intima

9 de janeiro de 1894.

Sabbado, dia de S. Julião do anno de Christo de mil oitocentos e setenta e cinco, no seio progressivo d'esta cidade de S. Paulo, nascia o teu irmão, que te vem cançando já ha tres missivas, agarrado a uma pobre penna que se vae opiando de originalidade, uma originalidade falsa, procurada á força nas transparencias do sonho japonéz em que vivo.

Na minha alma levantam-se, deliciosamente, as memorias que tenho de ti, dos annos passados da infancia, de quando usavamos roupas curtas e que tinhamos arrufos...

Tu eras mais velha, porém tão pouco que por mais que quizesse não te achava razão de me ralhares quando eu travesseava, e eis porque me arrufava comtigo, queria quebrar tuas bonecas, e lá vinha o papae prender-me, sentando-me numa cadeira durante um seculo, o que me não impedia de, quando elle virava o seu rosto em que o sorriso queria rir, fazer-te caretas e dar de hombros, como

se aquillo me não fizesse mozza, quando no imo arrenegava de não poder ir comer uvaías no terreiro ou torcer o pescoço da tua mais linda boneca... Tu, séria como uma menina bonita, batias com os dedos nas teclas do piano, e, si acertavas em alguma toada de lundú, fugia-me toda a zanga e eu ficava p'ra alli encantado, com o riso a vôar-me nos labios, olhando de esguelha para o papae, e com admiração, ao vê-lo ler attentamente o jornal da «Côrte» que vinha com as historias de ministerios... De vez em quando elle me fitava e eu, num apice, dava á cara uma feição chorona, emquanto o lundú da mana se ia quebrando nas teclas do piano. Afinal o papae me soltava, eu levantava-me com uma cara feia, mas tu, minha Nenê de outr'ora, punhas-me de fóra a lingua, tão adoravelmente que eu desatava a rir...

Depois, cresceste, tornaste-te bella, e veio o namorado e roubou-te ao meu affecto, e quando casaste senti uma vaga saudade dos nossos tempos de creança crepiar-me o coração, e assim que o padre, todo rico em suas vestes de ouro, benzeu as tuas nupcias, julguei que a aza leve de uma lagrima vinha esvoaçar nos meus olhos. Mas, vendo a formosa alegria de que te alegraste quando, finda a cerimonia amorosa, tuas amigas te cobriram de folhas de rosas, senti que apenas fôra sonhada aquella lagrima, e subiu-me da alma um diluvio de alegria, emquanto as folhas de rosa se iam demorando nos teus cabellos e no teu vestido branco de noiva...

E finda a tradicional lua de mel, e quando alegre nascia o bom sol da grande vida, partiste, carregada pelo mar, a ver outras terras, terras longinquas de japonezes, o oriente amarellado do nascer do sol e da pelle pallida dos seus filhos... Partiste, e, ao se sumirem além os mastros do navio que te conduzia, eu, com toda a minha crença de sentimental, com toda a ingenuidade de irmão mais moço, pedi ao oceano que te levasse bem docemente, pois que tu eras minha irmã, e, chorando de saudades sobre o mar, as minhas lagrimas formaram uma onda, a qual é certamente a que te vae levando com tanto amor e com tanta brandura por esses mares levantinos de nomes estranhos, onde não chega a brisa suave das palmeiras do Brazil e o canto melancholico da juryty...

---

## V

### O filho do Mikado

27 de janeiro

A senhora Sono-Yoshiko, uma das muitas mulheres de S. M. Mutsa Hito, acaba de lançar o Japão em festejos e luminarias, pois teve um filho nos esplendurosos leitos do harem de Sua Magestade. As pequeninas princezas Tsuné e Kané muito se alegraram ao ver o pequerrucho mano, e Tokio teve ordem de illuminar-se, debaixo da noite negra que chorava as lagrimas amarellas das estrellas pelo ar,

ao frio de dezembro... Logo os dignatarios accorreram a felicitar o Mikado, e retumbaram pela cidade cymbalos, bombos e muitas guitarras, e enfeitadas, bailando risadas nos labios rubros, as damas sahiram á rua, para mais embellezar a festa, reverenciando profundamente os velhos mandarins que os *coolies* carregavam para o palacio.

Charangas de musicos esfarrapados estropiavam hymnos pela noite a dentro e, á porta dos theatros, individuos grotescos annunciavam, engasgando-se com as palavras, os longos programmas das representações, enquanto um reforçado japonéz côr de ambar batia com furia um páo num pedaço de bronze, e outro soprava uma canna furada, que soltava um som falso e estridente... Numa, um pequeno saltimbanco saltava arcos de papel, com maestria, gritando gutturalmente e todo vestido de roupas chispantes...

O Mikado, contentissimo, agradecia aos subditos a deferencia dos cumprimentos e junto, escarrapachada num tamborete, Sono-Yoshiko, dentro de uma grande tunica amarella, corava de amor sob o olhar incessante do Mikado, que a acariciava, rolando nas pupillas toda a sua volupia imperial, e lá por fóra, pela noite, quebravam-se as musicas desafinadas das charangas, e o hymno do paiz palpitava violento, dentro dos grandes trombones e nas cordas dos gordos violões... Os clarins esguios dos soldados da guarda de honra do harem atroavam no ar e o seu som fino subia até a copa estrellada da noite,

e as vaquetas, no phrenesi de casarem seu barulho, ao dos clarins, furavam os tambores e soavam surdas, emquanto já outras rufavam em bombos novos. As japonezas, arrastando as sandalias, guitarreavam e algumas estalavam nos dedos, cheirosos de Kanna, ibericas castanholas, vindas das Hespanhas.

E' noite de amor, em que tudo se permite e em que os nanuorados se atrevem a dizer palavras quentes nas orelhas, menores que brincos, das namoradas que, baloiçando a cabecita, vão fechando, languidas, os olhos, donde se escapam raios que abraçam e fazem o sangue estuar nas veias... Mandarins ricos e chorudos derramam os yens nas mãos das desejadas e estas vão, corando, desfallecendo de pudor, atraz do velhote até palacios forrados de seda de fios de ouro e illuminados pelas lampadas de poderosos brilhantes... Outras seduzem-se, não sendo ambiciosas mas sim sentimentaes, pelos bellos mocetões que lhes versejam aos ouvidos phrases de paixão magnifica, e, braços enlaçados, com as duas boccas num só cacho vermelho, vão para casebres, em que se não vê seda esfiada em ouro, mas em que as estrellas entram pelos buracos das paredes e pelas frestas da porta, emquanto ao longe, ao longe, as charangas tocam, o Mikado ri, e Sono-Yoshiko treme de amor sob a cachoeira de volupia dos olhares de Sua Magestade, os quaes se vão despenhando pelas suas formas de mulher esbelta, desde o resplendor da cabelleira basta até a perola da palma fina e curta do pé, que

elle, eu o calculo, já mordeu num beijo de imperador...

As princezas Tsuné e Kane rolam nos braços, cheios de braceletes, o pequeno principe que já ri, babando-se, e o seu riso parece com o quebrar de fina porcellana, tanto já têm uma tonalidade aguda e limpida de riso de imperador microscopico. Lá no alto os pregos louros das estrellas prendem a noite no céu e pelos arvoredos do jardim o vento vae se enrolando numa cadeia de sons flebeis, apertando-se maciamente, subindo com presteza os troncos, cahindo de cima, tornando a subir, ondulando as folhas e beijando o ar...

O Mikado responde aos subditos no adoravel dialecto dos crentes de Confucio, o calmo philosopho de atrasados seculos, que viveu pregando dogmas e que morreu de dôr aos setenta annos, por ter sua velha esposa partido, no barco negro de um esquife, por entre as ondas verminosas da terra, para o insondavel nada, para o Nirvana de mestre Buddha, para o pó do espaço, para o idéal dos crentes... E Confucio morreu de dôr, deixando, porém, espalhada na Asia a fé que pregara no adoravel dialecto de syllabas curtas, em que agora o Mikado agradece as felicitações, emquanto ao lado o rosto corado de Sono-Yoshiko parece aos seus olhos, tontos de desejos, um rubi engastado no immenso topazio da tunica amarella...

— Ide-vos, mandarins, grato vos fico. Vêde que o céu descora e o gallo velho do paço já can-

tu. Como que ouço ao longe, muito ao longe, muito, muito, o retinir triumphal das espadas rutilas dos raios do sol, e não tardará a luz a devorar a treva. O Japão é feliz e eu feliz. Ide-vos, mandarins.

Reverentes, os mandarins sahiram e, na verdade, a noite começava a tomar a côr das opalas e as estrellas não tardariam a morrer, amortalhadas em sol. Charangas ainda tocavam e o frio da madrugada de dezembro não arrefecia os musicos. As damas entravam em suas casas, languidas as bellas e moças, e as velhas saudosas do tempo em que ficavam languidas. Abriam as janellas e adormeciam ao clarão fosco do prologo diurno e sonhos delicados pousavam-lhes sobre os olhos, sonhos vaporosos, fracos como porcellana e leves como borboletas...

Grande clarão... Gallos em unisono tocam o hymno cocoricante do sol e este surge, orgulhoso: como um rei louro coroado de papoulas, e despedaça a noite. Os arrozaes faiscam e os rios prateam-se e pelas ruas de Tokio o sol vae rolando seu exercito de luz.

Uma japoneza, galante como um perfume, mimosa como um galanteio, corre pelas ruas claras, assustada de tanto se ter demorado por entre os beijos de um namorado cheio de amor. Como a luz a bata, abre o guarda sol e na seda deste brilhavam ao dia versos velhissimos de antigos poetas japonezes, que o seu amado, litterato em botão, alli

escreveu, de mistura com alguns da sua lavra... Corre, alegre da noite que passou, e o sol sóbe no céo.

No esplendoroso leito do imperador, Sono-Yoshiko desfallece entre os braços do Mikado. As princezas Tsuñé e Kane adormeceram junto ao princezinho adormecido e, atrevendo o clarão do sol, galopa nos trombones e estala nos bombos o hymno imperial do Japão...

## VI

### Os piratas

28 de janeiro.

Na China, de uma aldeia de banhos, encantada pelas suas lindezas, nos escreveste.

O mar ahi desdobra a sua bandeira, ora verde, ora branca, ora d'ouro, até a perda de vista, e em cima as gaviotas voam. Chovia quando chegaste e o céo amarellava-se como a carcassa de um velho chinês. O sol nesse dia não sahira, como nos anteriores, do seio das ondas, lindo que nem Venus, segundo te contou que elle fazia, o pescador Soi-iáo, com quem logo teu marido travou relações, quando aquelle foi vender peixes ao hotel.

Chovia, e Soi-iáo, lamurioso, chorando lastimas, deixou cahir da bocca a historia da sua vida e ella cahiu como a chuva — triste.

«Minha mulher, a pescadora Tsen-Mei era bella, era muito bella e como vedes, senhores estrangeiros, choro quando della me lembro. Tinha os cabellos negros e os olhos ainda mais negros; naquelles prendia sempre o pente de escamas de peixe que eu lhe dera quando noivo, e nestes prendia sempre os olhares ternos de Soi-ião que ella tanto queria.

Apenas o sol, sacudindo as aguas do mar, apparecia, partiamos, eu e ella, numa canôa e pescavamos bellos peixes, que trocavamos com os estrangeiros generosos como vós, em muitas moedas de cobre. Mas, depois, o peixe falhou; fomos desgraçados e attribuímos a nossa desgraça ao barco, o qual fôra feito do tronco de uma antiga arvore, sob cuja sombra, o velho mandarim da minha aldeia ia modorrar á tarde.

Retrocedamos. Contemos a historia do nosso barco.

Em baixo da arvore reunia-se, quando o mandarim chegava, uma roda de aldeões, e entre todos o que elle mais apreciava era meu pae, que lhe contava historias de marinheiros, contos de piratas... O mandarim, embevecido, ouvia-o, com os dedos a puxarem os bigodes, e os seus aneis de grandes esmeraldas faiscavam, offuscando o sol que baixava. Eu, as vezes, ia lá tambem e o mandarim acariciava-me os cabellos.

Uma tarde, porém, no mar que era perto surtiu, como um phantasma, uma embarcação negra.

Em gritos assustados que diziam que os corsarios tinham chegado, os aldeões fugiram, deixando só o mandarim, o qual foi levado para bordo.

Porque o mandarim não tinha fugido? Um aldeão que se occultara, subindo para o cimo da arvore, contou, com estupefacção geral, que fôra meu pae que o impedira de fugir e que meu pae era o chefe dos piratas...

— Sim, dizia o aldeão, vi-o dar ordens aos outros, vi-o enterrar um punhal no peito do pobre do mandarim e despojal-o das esmeraldas, vi-o á frente de todos voltar para a embarcação negra, levando o cadaver...

Como deveis suppor, nobres estrangeiros, vivi miseravelmente dahi por diante; meu pae com effeito desaparecera, e eu, ai de mim! acreditava no que o aldeão dissera. Já diversas vezes vira em minha casa, desembarcando de pequenas canôas negras que ficavam na praia, homens de feições sinistras e de faca na cinta.

Vivi miseravelmente e sonhos terriveis atormentavam o meu somno. Sonhava que o navio de meu pae, cheio de cadaveres de mandarins, fugia por sobre o mar, com pavor das almas dos mortos que o seguiam, soluçando nas solidões da agua; os cadaveres apodreciam e àquelle máo cheiro era o incenso que os piratas levantavam ao inferno. As noites no mar eram negrissimas e geladas, geladas como as carnes das mandarinas mortas, em terra, de saudade dos seus mandarins, e de dia o sol,

amarello como um symbolo de desespero, fazia ouvir os lamentos e prantos dos chinezes na terra longinqua, amaldiçoando os piratas. No tombadillo, meu pae, com os cabellos revoltando-se sob o vento, erguia-se tragico, allucinando os meus sonhos:

Via tambem passar-me constantemente pelos olhos o seu punhal que eu tanto conhecia, pois com elle partia laranjas quando creança, enterrado no peito do bom do mandarim da minha aldeia, que me acariciava outr'ora os cabellos. As bellas figuras idyllicas que lhe ornavam o cabo transformavam-se no sonho em sangue, e só sangue, sangue do mandarim.

Os annos passaram. Cresci.

Procurava já em que ganhar a vida, quando uma noite soprou um vendaval terrivel e a velha arvore do mandarim, que mais envelhecera depois que a tinha regado o sangue, não resistio — cahio. Felizmente não fez muitas desgraças; sómente uma: cahio sobre uma casita que perto existia e onde dous velhos amorosos viviam abraçados, alimentando-se de verduras, arroz sem tempero e peixes crus que se esqueciam, quando a onda que os trouxera, voltava; sómente foi essa casita que soffreu: a arvore cahiu sobre ella e despedaçou os craneos dos dous amorosos... Desgraça de pouco valor...

Aproveitei o tronco daquella arvore, cavei-o, e fazendo os remos de dous grandes galhos, lancei ao mar uma canôa de pesca.

Conheci então Tsen-Mei, que ia perder tempos

depois de um modo tão trágico... Conheci Tsen-Mei num dia de tempestade. Os raios coruscavam como olhares de diabos e arrebatavam seguidamente os trovões. A manhã tinha sido azul e por isso eu sahira e eis que a tormenta me achava em pleno mar! As ondas chicoteavam o barco e os raios abriam boccas de fogo, que pareciam querer devorar a terra. De mistura com o barulho tremendo dos trovões ouvi, vindos de longe, uns gritos de socorro que pareciam ser de uma bocca de mulher, tanta meiguice havia no pavor que elles exprimiam. Toquei como pude no meio da tormenta a minha canôa para o logar donde vinham os gritos e achei sobre um rochedo, num desespero, Tsen-Mei, a linda Tsen-Mei, que logo me encantou e me pareceu ser a personificação da bella amorosa que me surgia nos sonhos, nos meus tempos de pubere...

Salvei-a e recolhi-a á minha canôa, onde ella me contou, chorando, que um naufragio lhe tinha morto o pae, negociante de Macáu que ia a Kioto comprar sedas. Mãe, já não tinha. Parentes, não conhecia nenhum, e chorava, numa lastima, julgando vêr á luz dos raios a alma do naufrago vôar para o céu...

Sube, com o poderoso filtro da minha mocidade, metamorphosear aquelle choro em alegria. Beije os seus pulchros olhos, seus labios innocentes e até as palavras que ella dizia, antes de se perderem no barulho do mar, eu as beijava. Disse-lhe, não

sei si mentiroso, não sei si verdadeiro, que desde muito a esperava. Disse-lhe mais que fôra o amor que me fizera ouvir no meio do barulho horrivel dos trovões, o rumor delicioso dos gritos della, e como nesse instante se apilacasse a tormenta e das nuvens encapelladas surgisse a lua, assim como dos nossos labios doidos nascera o amor, perguntei-lhe si não via o altar do céo illuminar-se para nós e as ondas amansarem, acolchoando maciamente um leito de nupcias... Protegia-nos o céo, protegia-nos o mar e as almas dos naufragos eram de certo aquellas estrellas brilhantes...

Já as estrellas estavam velhas e já a lua velha estava, quando adormecemos. Antes, porém, pedi ao céo que fosse o timoneiro da minha canôa.

Ao accordar, a nossa embarcação fazia nas aguas claras uma sombra. Signal de que havia sol. Voltamo-nos; e com effeito lá estava elle... Como viessem de novo a Tsen-Mei as saudades do pae, afoguei-as logo em mil milhares de beijos... Talvez mais, talvez menos, nobres estrangeiros, mas desculpai-me si não estou certo; já se passou tanto tempo, e tantas saudades de minha Tsen-Mei, que depois perdi, me pungem, que me perdoareis si exagerar a minha dôr ou a minha alegria...

Os annos passaram. Envelheci.

Já começava a falhar a pesca nos mares da minha aldeia. Um dia, nem um peixe apanhamos; o outro dia o mesmo, e os dias seguiram-se iguaes. Foi então que comecei a pensar que a infelicidade

vinha da canôa, que era do tronco junto ao qual meu pai matára o mandarim. Cresceu-me hora a hora a superstição, até que uma noite eu e minha mulher, de commum accordo, partimos a canôa em mil bocados e esses bocados o mar os levou.

Nessa noite, lembramo-nos depois que aquelle barco tinha sido o nosso primeiro leito de amor e, pela primeira vez, uma indiferença fez-me logo adormecer. Tive um sonho: os bocados da canôa, juntando-se, formavam de novo a arvore e, junto della, de novo meu pae assassinava o mandarim...

Accordei assustado: ao meu lado Tsen-Mei dormia socegradamente e eu beijei-lhe os labios tranquilllos. Sua respiração tinha o som delicioso de uma pequena guitarra. As paredes do quarto como que tremiam, alumiadas pela luz da grande vela que ia queimando as caretas pintadas na cêra. Fiquei olhando para a chamma, e alli se iam incinerando as saudades profundas que eu tinha dos tempos em que abundavam os peixes e em que as recordações do crime de meu pae dormiam nos beijos de Tsen-Mei. Lentamente fui adormecendo, adormecendo, adormeci e dormi profundamente, como si me pezasse chumbo nos olhos, pois nada vi do que se passou nessa noite...

... Quando pela manhã acordei, não achei minha mulher e, horrorisado, vi que no seu travesseiro havia um papel negro seguro com um punhal. Em letras de sangue dizia aquelle papel que eram os piratas que por alli tinham passado, e o punhal

era o de meu pai!... O desgraçado não me conhecera e ia deshonrar, nas solidões do mar, a mulher do seu filho...

Tanto sentimento, nobres estrangeiros, senti, que os habitantes desta aldeia disseram que eu enlouquecera...

E ainda o dizem...»

Continuava a chover e Soi-iáo tinha verdadeiramente olhos de maluco.

— Que qualidade de peixe quereis, meu senhor? Eu vendo por conta do patrão de um barco, que me bate com varas, quando lhe não levo dinheiro...

Depois de ganhar algumas parcas moedas de cobre, ia a sahir, quando tu, minha irmã, o chamaste e lhe deste uma libra em ouro. Molharam-se os olhos do pobre diabo e elle rezou aos Bud-dhas por ti e pelos teus. Depois sahiu; a chuva triste batia-lhe nas costas dobradas e elle sumiu-se numa esquina, apregoando:

— Peixe, peixe, peixe!

Ao longe rugia o mar, o grande mar dos piratas.

---

## VII

### Um dia em Pekim

12 de fevereiro.

...O sol faz os palacios de Pekim derrubarem sombras largas nas ruas, e o senhor Hong-Fó, len-

tamente, balançando a ventarola, passeia, parando de longe em longe numa casa de chá, onde bellas raparigas lhe servem a loura bebida aromatisada, olhando-o com uma provocação galante e finamente feminil... Hong-Fó é um felizão, com a bolsa de seda sempre gorducha de pequenas laminas de prata.

Pelas ruas o barulho se espraia, trabalha-se, ganha-se a vida e o meio de comprar o caril para temperar o arroz, e peixeiros, quasi nús, apregoam os cyprinoides, peixes dourados, bellos petiscos de moças e enfeites de jarras, enquanto pequenotes de cabeça grande, rindo-se estupidamente, mostram tiretes recortados com uma santa paciencia em bambú. Não longe do bairro tartaro o templo de Foé abarca um grande espaço com sua riqueza, uma riqueza de contos, admiravel, numa apotheose feerica e magestosa de columnas douradas, de pyramides de ouro, de ouro e sempre de ouro. Dentro, Foé todo vestido de pedrarias, envolvido em ouro e empoeirado de ouro é o suprasummo do deslumbrante, é o papa de ouro, é uma maravilha e é a cobiça de Hong-Fó, que se boqueabre sempre que o vê, com gigantesca admiração por aquella magica côr de topazio e côr das tunicas de Hoang-ti...

Hoang-ti!... Hoang-ti foi o primeiro imperador da China de que falla a historia... Brrr! que gelo escorre pela espinha ao lembrar-se a gente da época de Hoang-ti, o Adão chinez, lubrico e devasso, que á noite, ia, todo vestido de amarello e acompanhado

de uma horda de eunuchos, assaltar as casas dos chins, para lhes raptar as filhas de labios de sangue e olhos de treva, que a horda carregava para o palacio, cantarolando com vozes aflautadas. No dia seguinte ou as raparigas boiavam mortas nos charcos que rodeavam a capital, ou levavam uma fortuna em rebanhos de cabras de Thibet e vaccas da Tartaria aos paes, que, chorando, chorando, lhes abriam os braços num symbolo de perdão, ou as expulsavam bramindo injurias a Hoang-ti, que ria, ria com grossas risadas de homem poderoso, das janellas do seu palacio, ao vêr nas ruas irem balindo as cabras e mugindo as vaccas, ou nos charcos ao longe virem os abutres cheirar o corpo das imperatrizes de uma noite... Anoteçia, e de novo Hoang-ti, todo vestido de amarello, seguido por uma horda de eunuchos, sahia tocando guitarra e coroado de flores, flores que ia desfolhar sobre as raparigas, quando lhes desfolhava o pudor, a honra, o futuro noivado com um mandarim cortez, tudo o que era santo para a chincza, tudo! A esposa verdadeira (Loui-Tseu era o seu nome) a cujas nupcias presidira o sol, que é o symbolo da verdade, emquanto a lua, symbolo da falsidade nas suas constantes mutações, era que illuminava as esposas nocturnas, vivia muito regalada, sem ciumes, cultivando as lagartas, donde, depois de varias metamorphoses, sahe o precioso bicho de seda...

Mas voltemos ao senhor Hong-Fó, que ficou a

rezar com a crença medrosa de divindades desabando-lhe surdamente no peito, no meio da tragedia amarella do templo. Aos lados, os bonzos, macilentos e bambos, magros e com os rictus da desgraça, esfaqueando-lhes a bocca, elevam ao ouro do tecto os braços côm de agua suja e, rangendo os dentes envernizados, derrubam-n'os ao ouro do chão, lançando na poeira dourada do adro os psalmos desolados dos seus conventos, os versos dolorosos das revoltas das suas carnes impuras, os monologos desesperados dos seus amores recalcados, e os dialogos em vozes graves do fim da nôa de Foé, que metade dos bonzos enceta atirando as vozes á outra metade, que responde solememente e religiosamente...

Terminada a cerimonia, Hong-Fó sahe para a rua, abre a bocca num bocejo de preguiça e fica a olhar o sol a pino, que fez todas as sombras derrubadas dos palacios entrarem de novo nestes. Aborrece-se e sente ainda não ter a sua mandarina do coração, a pequena Li-Li... Vae ver a correria das aguas brancas do rio, de cima da ponte de jaspe negro, construida na fórmula de um dragão, e onde ainda parece escorrer o sangue da batalha de Palikáo, que abriu as portas de Pekim aos estrangeiros, e onde muitos mandarins se immortalisaram, pondo armas nas mãos das mandarinas e morrendo sobre o cadaver dellas, a beijal-as e a chorar sua felicidade ensanguentada... Heroicos! bravos mandarins! Confucio vela o vosso somno de morte e

o dragão de jaspe negro contará o que valestes aos netos dos vossos netos!...

Vae ver depois (e o sol já faz de novo as sombras sahirem dos palacios de Pekim), a Montanha Resplandecente, onde se enforcou Hoai-tsoung, o ultimo da dynastia dos Ming, derrotado pelos Mandchús, raça valente de appetites fortes e nariz grosso que ainda hoje dá os imperadores ao grande paiz dos faisões.

E alli fica recordando-se das lendas do imperador enforcado, que o terrivel mandchú Chou-tchi, indo em sua perseguição, achou roxo, lá bem alto da Montanha Resplandecente, pendurado num galho de cedro, emquanto um elephante, que accorrera, com audácia, do matto, ao sentir passar no ar o halito da morte, estendia a tromba sem poder alcançal-o, pelo que soltava um som rouco de desespero que era respondido, ao longe, pelo côro rugidor dos tigres e pelos saltos das pantheras, eternamente tontas com o perfume das canneleiras do matto... Chou-tchi tremera e a noite vinha descendo paulatinamente, numa apothese medonha de berros de ursos, mugidos de bufalos, risadas de leopardos, emquanto o elephante, esperando que o enforcado, apodrecendo, lhe cahisse na tromba, soava o violão temeroso da voz grossa e rouca de gula... O mandchú tremera, naquelles tempos antigos, e agora Hong-Fó, ao reconstruil-os com as lendas, sente um calafrio entortar-se-lhe na espinha, emquanto a ventarola rithmicamente, vae fa-

zendo o ar voar ao seu redor, balançando-lhe o rabicho pelintra...

As sombras dos palacios augmentam, augmentam desmesuradamente, augmentam ainda e, morrendo o sol num desenlace de crême, não augmentam mais, apagam-se. — E' noite.

Ilumina-se Pekim e o palacio imperial derrama revoadas de luz e de festas. Hong-Fó, espantado de como o tempo passou, corre á sua casa, apruma-se todo numa tunica curta e calções largos de seda finissima, prende ricas sandalias bordadas de perolas, e encaminha-se para o palacio imperial, afim de, na sua qualidade de mandarim, assistir a festa da recepção do vice-rei que chegou de Lhassa, capital do Thibet, a terra grandiosa do templo de Dalai-Lama, onde este deus do buddhismo vive encarnado num sacerdote a que se prestam todas as homenagens e que, morto, é immediatamente substituido por outro que lhe seja parecido, para que os rusticos fiquem crentes de que é sempre o mesmo deus immortal... Entretanto, o corpo do morto é atirado mysteriosamente ás tarantulas da floresta, depois de canticos furiosos de alegria lhe terem abafado os soluços finaes... Pois o vice-rei chegou, ha grande festa e Hong-Fó, elegante e distincto, vem todo contente porque lhe constou, ha pouco quando jantava, que Li-Li iria á festa.

Olha avido o salão e, ah! que alegria! lá está ella, abanando um leque de pennas... A orchestra enceta uma quadrilha e os gongs repimpam-se so-

bre os saxes, os trombones e os violoncellos fazem dialogos de velhos amorosos e as flautas empoeiram sobre todo o rumor sua musica fina, atacada, de quando em quando, pelo estouro do violão e pelo ranger dos violinos... E Li-Li ouve a sorrir o que Hong-Fó lhe diz.

Num grupo, o embaixador do Japão conta graves casos de diplomacia e o Filho do Céu, immovel numa grande poltrona de estofos caros e cedro, cochila, vendo, atravez do meio somno em que cahe, o embaixador transformar-se na filha mais moça do Mikado, que tem uns olhos de matar e um corpo bem feito, e por quem talvez morra de amores...

Li-Li ouve a sorrir o que lhe diz Hong-Fó e depois, corando, cahe sobre o hombro do chinéz, no desfallecimento de uma valsa.

---

## VIII

### **Brazil**

19 de fevereiro.

No dia em que o mundo festejava o nascimento de Christo, no dia de Natal, tu, a bordo do «Rosetta», navegavas para Singapura, e no meio dos mares asiaticos, de aguas mui calmas, lembravas-te da patria longinqua, muito longinqua, erguendo ao céo o abano verde das suas palmeiras e os jequetibás de mil annos, enrolando os verdes mares do Ceará e o gigante Amazonas, que ora vae molhando

as raizes das arvores de borracha e dos cacaoeiros, ora vae correndo sob a gruta verde das florestas virgens...

Dia de Natal! Qué calmaria do oceano asiatico e que extase de luz se desmancha no céo!... É inverno, porém o sol levanta no espaço uma caricia tepida, estofando o ar de luz, e os mares piscosos daquellas paragens ondulam sussurrantes sob a helice do «Rosetta», emquanto o piloto, com a mão na roda, perscruta os bancos de coral, e os passageiros se divertem na sala de jogos, esperando chegar á noite ou no dia seguinte pela manhã, á cidade ingleza de Singapura, no extremo da Asia, estreito de Malaca, perto da Oceania...

Tão longe assim da patria, nesse dia de festa, fecha os olhos num sonho brazilico e como que te repicam aos ouvidos os sinos do Natal, bimbalhando na tua patria em glorias a Jesus... E o Brazil levanta-se do fundo do teu sonho, com sua belleza americana, e, enquanto os mares asiaticos sussurram sob a helice do «Rosetta», uma patria de sonho, uma patria de magica, cresce, cresce... e ouves o sussurro das aguas amazonicas do norte, as patas dos cavallos de gaúchos galopando nos pampas do sul, os cantos de guerra dos indios de Matto-Grosso, e o Pão de Assucar vae surgindo das aguas de Guanabara, na sua bella nudez de rochia...

---

Do Pará ao Rio Grande a vegetação entrança-se,

numa valentia de féra vegetal, formando choças de troncos de arvores, de tectos de galhos folhudos eternamente verdes, e as goiabas penduram-se nos ramos das goiabeiras. O matto torce-se num urro de volupia verde, e, no centro, descem mansamente pelos troncos as giboias aneladas e as grandes aranhas do matto morrem de velhas...

Maranhão! Bello nome sonoro... Pelas planicies vae mugindo o gado forçado e o vaqueiro corre «Eh! Ou! Eh! Ou!...» e o dia agonisa numa paixão dourada, num soffrimento de corral, infinitamente melancholico, espalhando o vago medo mystico do crepusculo... As Trindades echoam numa profunda dolencia e muges os bois, pensativamente...

Goyaz! Nome selvagem que lembra a zagaiada de uma flexa de indios bororós, os terriveis, que galopam horas e horas em cavallos bravios, depois de terem raptado das aldeolas as virgens goyanas cuja honra vão sangrar na matta virgem, sob o docel sombrio das figueiras, que lhes parasola o amor...

Bahia! E na magestade aquatica de um recanto do Atlantico, a casaria abre a sua brancura, a sua bandeira de paz subindo pelos morros. Na tacha amarella do velho forte de S. Marcello o mar salta numa poeira de espumas... Numa ponta de terra, ao norte, um casarão abre ao mar os olhos negros de suas janellas donde se debruça o vento salgado do oceano, e uma fila de coqueiros fidalgos

agita a frode saudando o viajante maravilhado da extensão bellissima da bahia de S. Salvador... Nas suas aguas bonançosas já estivemos juntos, minha irmã, por um cahir suave de tarde bahiana, vendo além, na concavidade branca da praia, illuminar-se a terra dos paes de nossa mãe, os nossos avós nostalgicos do mar, para quem eu trouxe, quando voltei, um punhado de areia, areia da patria da sua mocidade, da terra onde nasceram... Lembras-te, irmã? o commandante do vapor, o Silverio, crestado lobo do mar, contava façanhas dos oceanos, emquanto deviamos esperar pelo dia seguinte para poder desembarcar na terra das esplendidas laranjas e do saboroso vatapá... Ricamente, como um presepe, illuminava-se a cidade e o mar hospitaleiro abraçava o vapor, aquelle pobre vapor que mezes depois devia naufragar, numa vespera de sexta-feira de Passos, matando o bom Silverio, crestado lobo do mar...

Ceará, terra da secca terrivel que faz o tabaréo beber as lagrimas que chora, ao vêr no céo, esbranquiçado como um areial, o demonio do sol, gargalhando ouro, riqueza real de ouro, num escarneo triumphal mandando que o tabaréo beba o ouro da luz...

Santa Catharina, Sergipe, Matto-Grosso...

Matto-Grosso! Nome que sôa como o echo da nossa voz quando atravessamos as florestas. Matto-Grosso! Parece que se vêm as cobras rastejar nas folhas seccas e se ouve o farfalho das gigantes cas

arvores de tamarindos... As goiabas maduras cahem no chão abrindo-se sanguineas e os grandes cachos de bananas verdes vergam as bananeiras... Matto-Grosso! O rio Cuyabá corre em cachões pelas cachoeiras, espumejando e os indios flexam as aves, semínús e com aneis de latão nos labios pendentes, labios que sugam avidamente as boccas das indias trigueiras, de cabellos corridos amarrados em cipó... Á noite, nas tabas, ao som do tam-tam, os caciques comem os brancos colhidos na ultima correria e a carne humana em pedaços é saborosa que nem gommos de jaca... Os olhos luzentes dos indios são leopardos gulosos... Sôa o tam-tam e os selvagens dansam á roda de fogueiras immensas, fazendo sombras de bruxos. Com um collar de cacarecos e craneos de filhos de brancos, a india mais velha resmunga pragas e o Cuyabá corre em cachões, rufando na agua...

Alagôas, com Maceió que vimos num dia de sol alto, sumindo-se na enormidade de uma praia cheia de coqueiros... Maceió, recatada alagoãna que nos appareceu tão gentil na sua vida pacifica, e onde bebi a delicia fresca da agua de coco, num jantar de peixes, espiado lá de fóra pelas raparigas e rapazes da cidade, de olhos afogueados e faces amorenadas como os sapotys... Alagôas, terra immortal de Deodoro, cuja lembrança veneranda é a bandeira protectora da Republica, bandeira que não se rasga sem se rasgar o coração do paiz.

Paraná, Rio de Janeiro, Parahyba, Victoria, ca-

pital do Espirito-Santo, tão branca dentro da pujante natureza verde que me pareceu uma gotta de perola na concha de uma folha de arvore...

Pará... Calor equatorial que faz rapazolas taludos andarem nús como quando nasceram, e onde cobras domesticadas dormem nos tapetes das casas, enroladas como um bolo de cordas... A's margens do gigante Amazonas, que rola estrepitoso sua orchestra de aguas, nascem as arvores da castanha, o cacaoeiro, a canna de assucar, emquanto o rio vae galopando por entre as pororócas para lançar-se no Atlantico, no meio de uma gritaria de violões aquaticos, que redemoinha e ensurdece... No meio dessa gritaria a ilha de Marajó surgiu.

Subamos o Amazonas, tomemos pelo Rio Negro e eis-nos nos igarapés de Manáos, emquanto lá em baixo se jorra pela mattaria o rio gigante, em cujas margens ha tresentos annos pompeava a horda de mulheres guerreiras, destemidas e bravas, que faziam recuar os aventureiros que iam buscando o El-Dorado... Eram bellas com suas grandes cabelleiras esvoaçantes e com as boccas urrando cantos de guerra, cuja sonoridade pulava pelo ar numa cadencia valente. Seus seios redondos e cheios alimentavam os indios Cumuris, que depois, já crescidos, iam pôr fogo, com settas algodoadas accezas, ás primitivas aldeias amazonenses, dansando ao redor do incendio, batendo palmas ao verem a carne dos brancos crepitar no fogaréo... A' noite aquelles incendios avermelhavam o céo, que tomava uma

apparencia rubra de céu infernal, onde surgia o grande diabo pallido da lua cheia...

Piauhy, Rio Grande do Norte e Rio Grande do Sul, Pernambuco...

Pernambuco! Que saudades, minha irmã, da terra pernambucana e que anno adoravel' que alli passamos, filhos mais velhos do presidente da provincia!... De noite havia um luar de crystal, um luar de porcellana branca, tão alvo, tão cheio, que bastava elle só para illuminar a cidade, e assim é que se o via escorregar pelas ruas, rolar no Capiberibe e destacar lá longe a linha de recifes a cuja ponta se erguia a velha fortaleza do Brum... a fortaleza do Brum ou uma casa de banhos, nem me lembro bem, minha irmã; tinha então doze annos e nessa idade louca si as impressões são muito fortes passam depressa tambem. Quantas vezes subi á cozinha do palacio do governo, a qual era no andar de cima, e, sentando-me á uma janella que dava para o mar, ficava a vêr o Capiberibe correr para o oceano que além se enfurecia junto aos recifes, batendo-lhes desesperadamente as ondas Do batente da janella, olhava-me astutamente um papagaio, preso por uma corrente num poleiro de zinco, e perto do fogão, o Benedicto, um esperto preto lorenense que levaramos, preparava os quitutes do jantar, numa faina, olhando demais talvez para os braços roliços de *nhá* Lina, uma mameluca de Cabrobó, que descascava as batatas... Meus bueridos doze annos que eu trepava assim ao pei-

toril da janella pura amar o oceano largo, o sol e a aboboda celestina da terra, como passastes depressa!... Como correstes por entre as arvores de fructa de pão, pelo jardim, e junto ao pequeno tanque de aguas limosas, ao redor do qual cresciam as parreiras, cheias de bellos cachos de uva preta! Como fugistes velozes ouvindo as narrativas do André, o jardineiro, que me contava valentias dos mututos do sertão, na sua casita branca, tendo nos joelhos o filhinho nú, e com a mulher lá dentro no quarto a espiar-me pelo buraco da fechadura, com vergonha do filho do dr. presidente!... Meus doze annos!

Pernambuco, com a preguiça invencivel que eu tinha para ir á escola, onde me esperava, carrancuda, a feia sra. Magdalena, uma solteirona que tomava conta dos alumnos, e que foi o meu maior pezadello nesse tempo pittoresco.

Pernambuco com a Elisinha... (oh! minha irmã, perdôa si me alongo tanto, tratando de cousas tão intimas, que só a mim interessam, si me alongo tão subjectivamente, mas que queres!? sinto tal alegria infantil ao escrever sobre esses annos felizes que não consigo livrar-me desse egoismo...) a Elisinha, a tua amiga de que creio gostei sinceramente, na florescencia dos doze annos, idade em que a gente sente com medo e com alegria que lhe bate um coração no peito.

Ainda era creança e já era homem. Gostava de ouvir as historias do André, e já tinha minhas

gravatas de dar laço e minhas calças compridas. Furtava cajús no armario e sabia todos os nomes dos ministros do Cotegipe. Dava pancadas nos irmãos pequenos e ia ao theatro vêr o Ficarra na «Mascotte» ou o Milone no «Boccacio» e nas zarzuelas, embora fóssem provocantes a Nagel e a Plá, era do partido da Saganella de olhos grandes e cara-oval. No carnaval fui aos bailes do theatrinho Santo Antonio e vi as peccadoras requebradas no maxixe... Pois foi nessa época que gostei sinceramente da Elisinha, a tua amiga, e lembro-me que, quando sahi do Recife, ao vêr a lancha em que ella estava afastar-se, me vieram as lagrimas aos olhos... Esqueci-a logo, é verdade, porém nunca mais junto a uma moça senti as deliciosas sensações que tinha só em olhal-a e dava toda a minha vida para ter de novo essas sensações dos primaveris doze annos, quando a via ou quando tocava qualquer objecto que ella tivesse tocado, como aquella luva que, numa das reuniões das quintas-feiras em palacio, ella esqueceu no salão de visitas e que eu beijeï tremendo, olhado austeramente pelo velho Pedro II no seu retrato imperial...

Pernambuco com a excursão a Nazareth num dia de festa de igreja e de fogo de artificio; com o passeio a Jaboatão; com a fazenda Lacerda, trabalhada por escravos e cheia da garrulice e desembaraço das filhas do fazendeiro; com a colonia orphanologica de Santa Isabel, onde frei Lourenço de

grandes barbas, corria com a meninada... Olinda, com seus conventos esboroados, Olinda em ruínas com as aves piando tristonhas sobre as paredes rachadas, com a herva crescendo nas ruas, á margem do Rio Doce, que corre assustado inda da temeraria façanha de Mathias de Albuquerque que, com um punhado de valentes, fez face aos hollandezes victoriosos...

... Deixemos Pernambuco. Esqueçamos lá esse anno de venturas, esqueçamos no salão do palacio do governo uma luva beijada, deixemos na sua casa o André, jardineiro, para contar historias aos filhos dos outros presidentes, abracemos antes de partir a feia sra. Magdalena, e sob o troar das fortalezas que saudam o presidente que se retira, vejamos ir-se afundando nas ondas a feiticeira cidade do Recife... Parece que ainda voga no ar uma essencia de ananazes, mangas, sapotys e genipapos... mas não, é o perfume salgado do Atlantico, do largo Atlantico, e Pernambuco sumiu-se levando a alegria dos meus doze annos... Cahe a noite no mar.

Eis agora a minha penna em Minas-Geraes, a terra das montanhas, dos veios auriferos, das jazidas de esmeraldas, e onde a serra da Mantiqueira recorta as mais lindas paysagens do mundo. Aquella lança de terra que alli se levanta é o pico de Itatyia. E' tão alto que as nuvens descem pelas suas encostas. Aquella cidade que alli se entorta

pelos morros é Villa Rica, a terra de Marilia, e alli Dirceu sonhou com a liberdade para a sua terra e com Marilia para a sua lyra. Desce, minha penna; não vês agora um rio que corre num sussurro de caricias? E' o Rio das Mortes, em cujas margens Amador Bueno e os paulistas vingaram-se da injuria emboaba do Capão da Traição, enchendo-lhe de sangue as aguas. Parte agora para o Monte Mario e a Cruz das Almas e pára um pouco, recordativa, em Barbacena, faz-me lembrar do collegio e desenhame a figura querida do velho Macahubas, e évoca-me as festas collegiaes quando chegou a noticia do 13 de maio, o dia de gloria... Lembra-me tambem as fogueiras nas vesperas de S. João e S. Pedro e a saudade que eu tinha dos meus, emquanto o fogo estalava como rubis que se partem. A saudade que ia acompanhando aquellos balões que nós soltavamos, e que iam subindo, subindo, até perderem-se no infinito, como lagrimas de ouro que seccam... Balões que eu acreditavá que tomavam o rumo da minha terra e que iriam um dia cahir, rôtos e apagados, nos pecegueiros de uma casa longinqua, com grande gáudio de uns meninos travessos, que se pareciam commigo como os irmãos mais moços se parecem com o irmão mais velho... Lembra-me a collegial melancholia mystica das nossas orações á noite em frente ao altar da Virgem Santissima, aquelle côro religioso que resoava na capella, erguido por tantas boccas infantis áquella Nossa Senhora, tão consoladora, tão

bôa, tão lindamente coberta pelo seu manto azul, que nos lembrava a todos nós as nossas mães!

Minas-Geraes, terra de um homem chamado Tiradentes e que foi grande, tão grande que um século depois no coração da mocidade se lhe ergue um altar, onde elle pousa sua cabeça, ensanguentada como um barrete phrygio... Minas-Geraes! Tiradentes regou-lhe o solo com o seu sangue e dessa rega bemfazeja ia nâscer, não muitos outonos depois, o vigoroso carvalho da Republica, que estende sua fronde amicissima das aguas bramidoras do rio das Amazonas ás esmeraldas offuscantes dos pampas do Rio-Grande...

Minas-Geraes, terra das bucolicas as mais doces e onde devia ter nascido Theocrito. As tropas passam, marchando alegremente, e os tropeiros já pensam nos pousos da noite, debaixo de palha, avivando o fogo para afastar as onças e tocando as violas que adormecem as cascaveis nos mattos... O gado geme nos crepusculos de côres fracas e muge muito alácre nas auroras côr de fogo. Cai-piras de olhos espantados sonham com as caboclas e as feiticeiras nos seus antros fazem bruxedos com velhas corujas seccas... Os vaqueiros vão correndo a tocar os bois e a manada segue pela estrada larga, em demanda de S. Paulo...

## IX

## O rei de Honolulú

20 de fevereiro.

A manhã, abrindo as portas de crystal e ouro do oriente, fez sahir o grande sol e, ao longe, os coqueiros de Singapura, para onde te dirigias, surgiram do mar... Passavam pelos ares grandes abutres vindos de Sumatra, procuravam furiosamente partir com as garras os cocos verdes e depois fugiam gritando... Aquelles abutres voltavam para a Oceania.....

Oceania! Terras e aguas exóticas perdidas no fim do mundo, cheias de lendas, de contos bizarros e de phantasmas tatuados... Lá, num recanto, muito original, a ilha de Honolulú...

Minha irmã, pensando eu na viagem que andas a fazer, esse pensamento hypnotisou-me, entonteceu-me, derrubou-me as vestes, só me deixando de tanga, e collocou-me no throno de Honolulú, rodeado de ferozes escravos que se extasiavam perante o seu rei, que era este teu irmão, minha irmã... Eu contrahira uma feição má e tinha na bocca um real riso escarninho. Segurava-me a um grande sceptro de junco em cuja ponta pesava um leão artificial, feito de topazios, e a juba ruiva era feita de um dos cachos da cabelleira da rainha Pa-paora, a trigueira filha do radjah de Sumbava, com a qual me casara. Meu throno era de madeira de cedro e no encosto havia um grande ramo de fo-

lhas verdes de bananeira; rodeavam-n'ò duas enormes cobras empalhadas, uma mordendo a cauda da outra. Do palacio via-se o mar, todo povoado de chavecos.

Tinham-me crescido as barbas, umas barbas fortes de rei, onde gostava que me beijasse a rainha Papaora, mulher muito trigueira, quasi negra, de pelle de velludo, que trazia, além da tanga, um saio de donde surgiam, como dois juncos flexiveis, duas pernas esbeltas. Seu cabello erguido na nuca, numa maçaróca, era ruivo, e o meu prazer mais valente era desmanchal-o e fazer aquella cabelleira de leôa lutar com a cabelleira sedosa do luar, altissima noite, quando todo Honolulú\* dormia e os reis não dormiam.

Os olhos, muito pequeninos por causa das maçãs do rosto papudas, tinham a côr pallida das sa-phiras gastas, mas palpitavam tão guerreiramente, á noite, que faziam uma aragem sobre o meu rosto, e essa aragem me embriagava mais que o opio com que me presenteara meu primo Mutsa Hito do Japão, o mez passado. Era horriavelmente bella, enfim, a rainha Papaora e seus braços tão disformes, que os braceletes que nelles usava podiam servir de collares ás moças do Brazil...

Do Brazil!... Este nome, breve como uma queimadura de tição, levanta no rei de Honolulú uma montanha de recordações, cheias de exotismo e molhadas de saudades. Brazil! Parece-lhe, no seu cerebro brutal de barbaro, que ahi, nesse Brazil, elle

já berrou seus gritos amorosos junto ás boccas das Papaoras brasileiras. Parece-lhe que já esmagou nos dedos a carne suave de mulheres desse logar Brazil!... Sim, é mesmo, é verdade, cada vez mais se affirma no seu pensar de bruto que esteve nesse paiz, cujo nome lembra um roçar de abios.

O rei de Honolulú tem medo de enlouquecer. Levanta-se, exaltado, pisando as cobras empalhadas do seu throno, e, estendendo o braço dourado de braceletes, urra a um guarda que perto passeia, com uma enorme lança sobre os hombros e comendo uma goiaba:

— Miseravel, vai chamar Murutú, o sabio. Vai, corre, foge, si não queres que atire tua cabeça aos crocodilos que dormem em cavernas de nenuphares... Traze-o aqui depressa, depressa, antes que o sol que se inclina vá alumiar as Europas, as regiões horriveis. Traze-o depressa. Logo que o astro desapareça, si cá não estiver Murutú, mandarei accordar os crocodilos... Corre, escravo.

Já o guarda partira, esticando suas pernas peludas, balançando na pressa o seu grande cocar de pennas de gansos, e deixando immediatamente a grande goiaba que comia. O rei tombou em lethargo saudoso, com os olhos torcendo-se nas orbitas e a bocca rasgada em furia, na fôrma de arco de guerra.

Lagrimas cahiram pelas suas faces de rei muito trigueiro, quasi negro, como si fossem lirios nascendo entre urzes, e o real senhor, encostando o

corpo tatuado junto á janella que dava para o mar cheio de chavecos, ficou a olhar o crepusculo que se enroscava por entre azas de abutres que voavam e por entre as ondas do mar, o velho mar de Honolulu de ondas côr de esmeraldas brutas. Pelas aguas alinhavam-se casas feitas sobre juncos grossos, e cobertas de palha côr da lua. Em pequeninas aberturas appareciam as caras dos meus subditos, tendo no pescoço rosarios de ostras, e seus labios, como duas grossas serpentes vermelhas, remexiam-se em orações medrosas ao creador dos crepusculos, o grande deus mysterioso que vive numa cabana encantada, não se sabe onde, com uma multidão de mulheres formosissimas de labios cheios de rubis e bocca cheia de perolas...

Depois, voltando-se, deu de frente com Murutú que inclinava seu corpo esguio, d'onde sahia, como um girasol da haste, um immenso craneo pellado. O sabio vestia uma tunica côr de malva e trazia ao pescoço um collar de begonias. Apoiava-se a um cajado torto e de um bolso da tunica sahia es-pantada a cabeça de uma pequena vibora viva.

O rei suspirou e, passando a mão pelos cabellos, fallou tristonhamente, despejou o pucaro fresco do seu coração, emquanto pelos horisontes vinham descendo as melancholias, nas grandes azas negras das nuvens...

— Murutú, sabio do meu reino, ancião que viste o sol morrer em muitos reinados de meus avós, eu tenho maguas, eu teño loucuras que me

rugem no coração, eu tenho, ó Murutú, lembranças de outra vida que me aterrorizam, pois que me dão vontade de viver-a de novo. Quando, a esta hora tremula do crepusculo, me detenho a olhar o mar, surge-me do seio das ondas, como si fosse um chaveco perdido, uma região encantadora que me tenta, que me mata, toda cheia de mulheres brancas côm de cecem, que me olham como si me conhecessem, amarrando-me com as fitas negras dos seus olhares que me fazem rugir de raiva quando sómente vejo ao meu lado a rainha Papaora, a horrenda filha do radjah de Sumbava... Essa região, Murutú, eu outro dia estive a procurando no grande mappa cheio de figuras que tu me déste, para me divertir e estudar, e encontrei-a — tinhas pintado sobre ella as diabas côm de banana madura que me atormentam, era cheia de palmeiras verdes e de cafeeiros, tinha passaros, e numa extremidade estava um grande risco que parecia indicar um grande rio. Deve ser essa a região, dizia-me o violento pulsar do meu peito Deve ser essa.

— Brazil, meu rei.

— Sim, Murutú, é esse paiz, cujo nome me lembra um licôr de mel de abelha escorrendo-me na guéla, e, quando o digo, o seu echo fica-me mansamente no ouvido como o rumor infimo do desabrochar da magnolia. Brazil! Brazil! não parece que uma dentadura forte rufa, cheia de goso, numa carne humana, Murutú?

— Senhor!... Senhor!...

Entre estas duas exclamações do sabio, a noite cahira de todo.

— Dize-me, sabio do meu reino, estarei louco? Ter-se-á minha cabeça entortado com os olhares das brancas encantadas e com os meus devaneios quando vejo da janella o dia ir para a cova no esquife pallido do crepusculo? Dize-me, sabio, e são loucuras esses sonhos que ás vezes se apossam de mim, á noite, quando ao meu lado ronca minha mulher Papaora, com a face papuda como uma lua cheia na noite do seu rosto?

— Mas que sonhos, real senhor? Dizei-m'os, e Murutú mostrava na cara sem um fio de barba uma profunda piedade pelo rei de Honolulú, pelo teu irmão, minha irmã, julgando-o de todo desvairado, com a cabeça solta em doidices, com o deus do mal, o que habita em caurnas com as bruxas, dentro do seu corpo... — Mas que sonhos?

A noite, empallidecida pelas estrellas roçava suas margens no mar. Vindos de longe ouviam-se no palacio do rei os cantos grosseiros dos habitantes da ilha, tocando tambores de pelle de macaco e batendo com varetas de coral em cascas de tartaruga.

— Que sonhos? Sonhos azues, Murutú. Vejo ao meu lado, no leito, em vez de Papaora, a horrenda filha do radjah de Sumbava, a casta fórmula de nelumbo e de nenuphar branco de uma raparigueta de poucas e douradas primaveras, em quanto que Papaora já deve ter visto mais de mui-

tas vezes o sol do verão, a bruxa!... Essa rapariguita é filha de um homem que possui terras nessa região Brazil, terras donde nascem os cafés, disse-me ella na sua lingua harmoniosa... Chama-se... oh! Murutú, é o seu nome tão puro e tão crystallino como as aguas dos regatos em que se banham as pombas.

— Como se chama essa deusa, senhor? Dizeim'o que o meu poder de sabio é grande. Mandarei buscal-a numa casca de noz no reino dos contos...

E Murutú tinha na voz um grosso pezar de vêr o rei doido, e, ao mesmo tempo, nascia-lhe na alma a ambição — encerral-o na casa dos loucos e ser o regente da ilha... Suas mãos já tremiam com vontade de segurar-me... A vibora viva do seu bolso olhava-me com seus olhinhos redondos, espiçando a setta da lingua para o rei de Honolulu...

— Como se chama? e eu concentrei-me, procurando na minha memoria fraca de negro lembrar-me do nome dos lirios... Não o consegui e disse chorando: — Não me lembro. Porém, tu que és sabio saberás talvez o nome dessa mulher. Parece-se elle com o quebrar de um prato de porcelana, com o estalar da casca de um ovo de passaro, com o rumor de um beijo, de um ou de mil...

— Maria, Isaura, Christina, Luiza...

Lá por fóra silenciavam os cantos dos meus subditos. Fiquei absorto em scismares e nem mais ouvia Murutú que ia desfiando nomes de raparigas da região dos cafés, como um rosario de estrellas.

— Delfina, Eugenia, Laura, Idalina...

Depois, puz-me a fallar para mim mesmo:

— Que linda a rapariguita das primaveras douradas! Sua cabelleira é negra como sedas molhadas em tinta! Seus olhos dous grandes onix fazendo raios de sol! Sua bocca um punhado de beijos...

Dando um berro de alarma, Murutú segurou-me com seus braços magros e os fidalgos da ilha accorreram galopando, espantadissimos. Murutú gritou-lhe que o rei enlouquecera. Eu, nos braços do sabio, tinha tanto medo que minhas barbas começaram a branquear. Os olhos saltavam-me das orbitas. A rainha Papaora confirmava que eu estava mesmo louco e seus olhinhos de saphiras gastas palpitavam, olhando para o craneo pellado de Murutú... Fui encerrado na casa dos loucos e lá fiquei cem annos, completamente doido, consolado pelas mulheres côr de nelumbo que vinham nos sonhos... A rapariguita de fórmas castas era a preferida e nesses longos annos, muitos beijos dei nos seus cabellos negros e no signalsinho escuro que tinha na face esquerda...

Morri, depois, por uma noite chuvosa. O mar em redor da minha capital encapellava-se em grandes vagalhões. O regente Murutú...

... Minha mãe accordou-me justamente nesse momento. Eu adormecera sobre a tua carta de Singapura e dei o cavaco com as risadas dos manos. Lá fóra, pela noite, a chuva beneficiava a terra dos

cafés, cahindo pesadamente com um barulho parecido com o dos vagalhões dos mares da Oceania. O mulato Leopoldino entrou na sala com o bule do chá e eu achei uma graça irresistível, minha irmã, ao se me deparar nelle o regente Murutú!..

---

## X

### Na Taprobana

22 de fevereiro.

Depois de Singapura, quando chegaste a Paulo-Penang, lembraste-te da nossa Maceió, ao vêr aquelles coqueiros, erguendo ao céu um grande berço de cocos. De alguns, enormes reptis desciam depois de ter ido lá no alto procurar ninhos de aves para morder os filhotes...

... De novo o mar, sob as noites frias do fim de dezembro e debaixo do sol asiatico eternamente com seus raios enfeixados como cachos de uma cabelleira loura. De vez em longe avista-se uma champana, cheia dos mandaçarres que vão colher perolas no fundo do golfo de Bengala, lá bem no fundo, onde se entrecruzam em nupcias os coraes e tremem de nostalgia do sol os ossos dos naufragos...

2 de janeiro — Ceylão. A Taprobana engalanava-se de sol para hospedar-te e parecia que ainda andavam por alli os passos felizes dos barões assignalados de Portugal, desembarcados das caravellas

que sulcavam os mares virgenís, navegando temerarios, tendo no coração a fé da dama, da patria e do rei.

Foi isso pelos tempos quinhentistas, esses tempos que tão velozes passaram, levando todas as glorias das quinas luzitanas, todas as bravuras do legendario Vasco da Gama. Tempos em que o brazão portuguez enchia o mundo e em que os venturosos reis da Luzitania podiam olhar dos seus dominios o mundo inteiro. De um lado a terra de Santa Cruz, do outro o Ganges e o Himalaya e no centro Adamastor o Tormentoso, que rugia vendo os portuguezes passarem incolumes á busca do sol e das especiarias e a zombarem do gigante negro. Tempo de epopeia que foi o ventre fecundo de Camões, blocco immortal da gloriosa época dos navegantes, os quaes, partindo do Tejo pelas louras manhãs de Lisbõa iam cortar a esmeralda das aguas e romper o véo de virgem dos mares nunca dantes navegados, dulcissimamente, como os noivos na primeira noite do noivado, cantando canções briosas dos velhos guerreiros do seu paiz, dos bravos de Aljubarrota...

Eis-te agora na Taprobana, minha irmã. Os loucos macacos fazem gaifonas nos ramos das florestas, a fructa cresce espontanea nessa terra feitiçeira, e os cortiços de abelhas pendem suas bolsas de mel dos troncos, aquelles troncos altissimos onde talvez, ha seculos, os portuguezes subiram para vêr si podiam tambem conquistar o céo. O velho monte

Hamazel parece dizer que os luzitanos o galgaram para ahi fincar a cruz. O Hamazel! esse grande pico de terra em que as tradições se batalham na depressão em fórma de um pé humano que ahi se encontra, e que os padres de Buddha dizem que é o signal do pé de seu deus, enquanto os christãos juram pela Virgem Santa ser o de S. Thomé, o incredulo, que por alli andou peregrinando, todo roto e cheio de chagas, farejado pelas serpentes venenosas, alimentando-se de fructos bravos e dormindo na copa das figueiras.

Taprobana! Luminoso marco dos guerreiros do mar que iam cortando, com as quilhas gloriosas dos vasos, as aguas, valentemente como si fossem as durindanas de Affonso Henriques, na planicie de Castro-Verde, cortando as carnes da moirama, á luz do sol de Ourique... Tempos de delirio em que os heroicos companheiros do grande Vasco voltavam das Indias, cobertos de perolas, para virem descansar seu coração no oasis nubio, no oasis verde, no oasis celeste ou no oasis magnificamente pardo dos olhos das namoradas, as portuguezas dessas idades loucas que iam para as praias vêr partir os navegantes, chorando e pedindo-lhes que transformassem essas lagrimas que choravam em perolas de Calicut!...

Que espanto, minha irmã, o dos peixes calmos dessas aguas virgens, que nunca tinham visto faces humanas, verem de repente surgir no horizonte um grande barco, cheio de homens ebríos de gloria

portuguezes que cantavam o Portugal!... Ah! que pena tenho de não ter nascido tres seculos atraz! De certo que seria um daquelles ousados marujos que, do alto dos mastros grandes, veria o mar correr, trazendo de longe as terras nunca vistas! Chegado a ellas, no dia de folga, iria caçar fêras e colher fructas e, depois, sob o crepusculo gracioso e budhista da Asia. levaria as saudades de uma dona amada ao cimo das mangueiras, numa tristeza de lembranças de uns olhos, de uns labios, de uma face sempre vista e sempre entrevista nos sonhos de alto-mar... E alli, nos troncos de Ceylão, o marujo ficava esquecido até a hora da lua, revendo na grande linha dos horisontes passarem as saudades, quaes as velhas migrações de aguias que, vindas da Persia, seguiam para o sul, para o gelo do polo, para o nada... E, vinda a noite, os indigenas dansavam no chão, por entre as mangas cahidas de maduras, a grotesca sarabanda, reviravolteando os corpanzis pintados, e com immensos aneis nas orelhas, nas pernas e nos braços, emquanto do mar, das naus de Portugal, chegava o canto glorioso do hymno da patria ou a barulheira rhythmica dos cantares das provincias, das modinhas do Algarve, das serenatas de Andaluzia para as bellas hespanholas...

No céo a lua, no mar os cantos, e para o reino de Portugal a gloria...

Gloria quebrada logo depois com o sangue de Alcacer-Kibir pelo sonho de D. Sebastião que es-

traçalhou, com a hysteria do seu sangue azul, toda a fama e toda a grandeza do reino portuguez, o qual, chorando a desgraça do seu rei, que fôra á conquista das Africae e que lá ficára numa nuvem de pó ensanguentado, foi bater constricto, pedindo o consolo divino, na cellula escura do cardeal D. Henrique a quem, passados poucos mezes, Deus chamou para prestar contas da vida, emquanto o pobre de D. Sebastião, esquecido do que fôra e sentindo que lhe nascia a virilidade sob a violencia do sol dos desertos, talvez mais se fosse embrenhando pelas mattas nos braços de uma africana, que era uma perfeita noite em que brilhavam as duas estrellas pardas dos seus dois grandes olhos... Ou talvez apodrecesse de morto sob um albornoz branco de areia...

Gloria quebrada que foi o feretro de Camões, emquanto o rei hespanhol fincava o sceptro sobre o comoro de terra fresca e molle que os coveiros erguiam na cova do cardeal D. Henrique... Chorando esperanças mortas, o crepusculo cahia esverdeando o céu luzitano.

---

## XI

**Pagina solta**

23 de fevereiro.~

Recebi agora á noite, quando começavam as estrellas a apparecer no mysterio negro do céu,

uma carta tua de Kandy, escripta no dia de meus annos. São felicitações que me mandas e, á hora em que escreves, calculas que sejam aqui duas da manhã. Queres ser a primeira a felicitar-me e emquanto eu, tão longe de ti, sonho contigo, tu, tão longe de mim, mandas-me um abraço que vae atravessar os oceanos e que me trará o perfume glauco das aguas que rodeiam Ceylão. Lendo-a, absorvo-me em meditações exóticas e, como si fosse uma uma flôr que arrebenta do calix, apparece-me aos olhos o panorama extranho dos paizes do Oriente, que vou vendo atravez das minhas saudades, minha querida Helena.

São 7 horas da noite. A carta, que devia ter chegado de manhã, só agora é que me foi entregue e eu bemdigo aquelle atrazo que me faz lêr-te á hora mysteriosa em que a noite nasce. Já os sinos choraram Trindades. Abro a janella: entra-me no quarto o frescor da noite e vejo a marcha dourada dos astros. As estrellas são muitas; ha uma chusma dellas e sinto não ser astrologo para perguntar-lhes si te vêm á esta hora, lá ao lóngo onde estiveres... Não, não vêm; deve vêr-te o sol, e vou acompanhando abaixo do horisonte a caminhada do grande astro, que ainda ha pouco, não ha uma hora, sobresaltou o céu com os punhaes de rubis dos seus ultimos raios... Morreu furioso ferindo o céu e, no outro hemispherio, de certo que nascia, muito santo, por entre rendas côr de rosa e de coral, elevando uma illuminação de gala nas regiões da Asia,

onde estás, e nas ilhas da Oceania, onde não foste mas de que sentiste o vento perfumado de cidra e sandalo tamborinar nos cocos verdes da península de Malaca.

São 7 horas da noite. Acabadas de chegar, todas as estrellas agruparam-se no mysterio da noite. Não sei si virá a lua. Talvez venha mais tarde, na hora dos phantasmas, envolta no seu manto branco, branco da côr das ossadas... Talvez. Por ora só as estrellas é que vieram do céu da Asia para o céu da America. Brillam em grupos e têm verdadeiramente o fulgor dos olhos das mulheres — talvez sejam as odaliscas do paraíso de Mahomet que, recatadas, escondem as fórmas do corpo, só mostrando os olhos.

Nosso Senhor zangou-se com a minha heresia e uma apostrophe do vento bate as venezianas da janella e fecha-as.. Sob o impulso que o vento deu no quarto a luz da véla torce-se como um diabo que dança...

Fico atordoado. Depois, ouço muito frescas lá na sala do jantar as risadas de Nenê e do Bibi... Ouço as risadas muito frescas daquelles anjos que daqui ha pouco vão dormir e sonhar com os do céu e foge-me da alma todo o receio de que Deus me possa fazer maldades, elle que tem a varinha de condão que põe na bocca dos pequenitos o riso das idades verdes que lembra prata empoeirada so-

bre crystal, esse fino crystal das taças de champagne...

As estrellas — odaliscas turcas, ora vejam só! As claras estrellas, profundamente brancas ou levemente douradas, parecidas com a luz dos olhos dessas peccadoras de olhos negros, em cuja cassolleta de onix se queimam todos os incensos calidos do peccado!... Foi, com certeza, tentação do diabo que parece dançar na luz da véla, que tão desastrosamente me conduzia para o mal... Pois os olhos negros como fructos de cassis, cheirosos de um aroma capitoso, das sultanas que me perturbam tanto quando penso nellas com suas pupillas negras e brilhantes como brazas de onix, e com seus braços morenos que apertam muito... Meu Deus! é de novo a tentação! Apago a véla e some-se o diabo que nella se torcia. Escurece o quarto e as estrellas millenarias brilham mais, trazendo no seu brilho todo o prazer de Deus por ter vencido o demonio que me apparecera assim, á hora da noite, trazendo mulheres para me tentar... Foi-se, porém, e agora distinctamente destaco vozes queridas que, vindas lá de dentro da casa, penetram o silencio do meu quarto — nossos paes que conversam de ti, minha irmã...

No quarto escuro fiquei apoiado á janella, por onde meu quarto olhava a noite e a noite olhava o meu quarto. Sempre estrellas, sem lua, e ao longe um sino de igreja batendo vagarosamente as oito. Atravessando nitidamente o negrume em que

me acho, as vozes de lá dentro veem muito verdadeiras até aos meus ouvidos, claramente vibradas entre a noite e o silencio.

Chegam nossos avós, alegres por terem tido tambem cartas tuas, e, como mandas dizer nellas que os ares que sopram no Ceylão são muito parecidos com os da agradável temperatura das terras bahianas, isto accorda as lembranças da avósinha e ella falla, com toda a ingenuidade de um verdadeiro entusiasmo, das tardes socegadas do Reconcavo e das viagens a Itaparica, pelo tempo das mangas, ha annos, ha muitos annos mesmo, ha meio seculo, quando o seu coração se fructificava nos primeiros amores, num outono dourado... A sua voz de velha feiticeira de predicções bondosas tem muita caricia indescrptivel, quando me chega assim pelo meio do silencio... Parece que um vento muito leve, muito amigo, passa pelas folhas dos coqueiros da Bahia e dos coqueiros de Ceylão...

... Muito tempo passei, entre a treva e as estrellas, com o rumor manso das vozes queridas, lá dentro da casa, a beijar o silencio. Não sei como foi — dormi

...

Foi um somno levissimo, quasi que ethereo, como aquelles somnos que temos em creança. Não tive sonhos, não. Entretanto, por entre o meu dormir, as estrellas, as grandes estrellas do bom Deus, desvelavam-se e mostravam suas fórmãs, não de odaliscas turcas, mas de raparigas de Ceylão.

Era de novo o peccado que vinha dansar, atrozmente encantado, na calidez da noite de fevereiro.

Cheirando a oleo de amendoas doces, muito brunidas pelo sol, da sua semi-nudez pulando os seios fartos — surgiam do céu, que era o céu de Ceylão, as naiades morenas. Tinham calor nos braços e vinham cahindo dos labios, como si fosse uma cascata de aguas voluptuosas, os beijos... Fui me esquecendo na nata de leite do corpo de uma, e o tempo foi passando, foi passando.

O vento casto que vem cantando hymineos pelos troncos das florestas do nosso Brazil, de novo apostrophando violentamente a minha impiedade, bateu a folha da janella que, com um estalo secco no caixilho, me tirou, amaldiçoadamente, dos prazeres de Ceylão... Depois, pesou immenso silencio. O ar era uma catacumba de silencio. Lá dentro de casa silencio profundo; todos já deviam estar dormindo. A malvada bruxa que existe nos pendulos bambos dos relogios, bateu sinistramente uma duzia de pancadas, as primeiras muito fortes e as ultimas mortas no silencio apavorado.

Olhei para o céu como que já vendo apparecer o craneo de defunto da lua cheia. Não appareceu. As estrellas, sempre as mesmas, sempre immoveis, pareciam ter morrido alli no céu... Era atroz o silencio, atroz, atroz, atroz. Parecia-me cheio de diabos mudos.

Fechei a janella que de novo abrira. Ficou no

meu quarto a escuridão profunda. Deitei-me. Sentia tremer os pés com medo de que viessem puxal-os os terríveis phantasmas da meia noite... E para afastal-os rezei o Padre Nosso. Não bastou. Rezei também a Ave-Maria. Então os phantasmas afastaram-se e sahiram rindo pelas frestas das venezianas...

Aquellas orações catholicas, tão puras, puzerami-me no espirito um bem estar de santo e, já sem medo nenhum, adormeci de todo. — Sonhei com as raparigas de Ceylão, sonhei com o peccado.....

---

## XII

### Ainda na Taprobana

11 de março

Estás só á espera da partida do vapor para deixares Ceylão. Daqui a pouco, em demanda de Calcuttá, verás engolphar-se no mar o porto de Colombo, depois os coqueiros, depois toda a costa, e depois só verás mar, sempre mar, mar que carrega nas aguas palmas de coqueiros que o vento lhe atirou e que se balançam nos oceanos eternos... De novo apparecer-te-ão as champanas de pescadores de perolas, procurando a costa de Coromandel e singrando, com os grandes remos a quebrarem as ondas, o golfo de Bengala... De novo os albatrozes do mar voarão junto ao sol e, pelas noites, de novo marujos cantarão... E a ilha encantada

da Taprobana para sempre perdida numa onda do mar...

Gostaste de Ceylão. Não sei que perfume agreste sopra por alli, que te lembrou o norte do Brazil, e o cheiro das mangas vestia o ar de uma saudade que sentias do teu paiz. Pelas largas estradas da ilha gozaste de dias de maravilha e o longo rumor do mar, que se quebrava nos galhos dos coraes, chegava-te ao ouvido em melancholicas preces á tua patria, a qual lá ao longe, outro mar banha e beija nos areiaes das praias. Gostaste de Ceylão e alli, á ramalhuda sombra das mangueiras cheias de mangas, disseste talvez, muito longamente, os nomes dos teus, os quaes não tinham, oh! não, extranhezas mui bizarras de linguagem para aquelles logares, pois as florestas de coqueiraes da Taprobana lembram-se de que, ha tempos, navegantes de hombros largos, pronunciavam nomes que tinham a mesma cadencia — os portuguezes das caravellas do Vasco que se recordavam das portuguezas do reino, do rei e da rainha, e dos irmãos...

Naquelles tempos de Taprobana que rumor ia pela ilha! — tilintar de armas, cantos lusos, disputas de marujos que jogavam o pacáo. Medrosissimas, as incolas esbeltas espiavam por entre as folhagens, mostrando seu lindo rosto ruivo com enormes brincos, e os portuguezes que vinham ha mezes pelo mar bravio, com tormentas e sem sereias, corriam ligeiros atravez das incolas indias para as converter á religião de Portugal, crucificando-se,

quaes Jesus-Christos peccadores, sobre o calvario da carne morena dellas... Os riachos de Ceylão ainda contam, quando estalam nas pedras do seu leite, as risadas que davam as raparigas da Taprobana...

A's vezes, por entre o biombo de troncos dos coqueiraes, mangueiraes, e mais arvoredos de Deus, cantavam as espadas a se cruzarem — eram fidalgos que, em duello de morte, iam decidir qual dos dois se apossaria do bronze macio da pelle de uma india achada em canto esconso... Dois a querem, pois então que se cruzem as espadas! Vamos, e que um fique na terra em repasto a abutres!... Perto, a india morena mostrava os dentes claros como prata fina, e quando o sangue do vencido enchia de gottas rubras o chão, como si o chão fosse magico morangal, ella cahia assombrada nos braços do vencedor. — E o sangue do vencido a correr, a correr, ia entrando pela terra para fazer depois as minas de rubis...

Que rumor naquella Taprobana dos fins do seculo XV, e, quando as caravellas levantavam ancoras, os navegantes bulhentos cantarolavam, indo á cata de novas terras e novas mulheres, loucos infieis ás amadas do Tejo... E o silencio de novo cahia sobre a Taprobana, onde um ou outro portuguez ficava com o corpo varado do aço da espada de um rival, na pugna para a posse de alguma india de pelle côr de bronze e dentes côr de prata...

Contam mesmo chronicas quinhentistas que alguns se curavam das feridas nos braços quentes das indias, e depois viviam abraçados ás suas salvadoras, vagando pela extensão das praias e deixando o olhar correr pela agua... E si alguma caravella vinha de novo para busca-los, ai! com medo de perder aquella vida, elles corriam pelo corredor dos coqueiros e iam refugiar-se em choças, onde encontravam então, na sua eterna impassibilidade contemplativa, os homens trigueiros de olhos dolentes, que viviam semi-nús, adorando a verdura immortal da ilha... E lá ficavam, não querendo voltar para a patria, ora perdidos em valles, que mettiam muito e muito por dentro da terra sua lingua verde de relvas, ora encarapitados em montes que subiam longamente pelo ar, e donde viam de longe as caravellas voltarem.

E estas voltavam da Taprobana sem os marujos perdidos, os quaes já não queriam mais tornar ás aguas do Tejo, por sentirem mais goso no Ceylão solitario do que na populosa Lisbôa, sempre alegre da chegada de navegantes descobridores e chorosa tambem, ainda e sempre, da morte do infante D. Henrique que se fôra, não ha muito, para o tumulo gigantesco e calmo da terra... E as caravellas voltavam da Taprobana, sem os marujos perdidos, e ai das festas de Lisbôa si esses marujos tinham mães ou si tinham noivas!... Mulheres de lucto, veladas de véos e de lagrimas, passavam pelas ruas brilhantes de festejos e todas illuminadas de lanter-

nas multicolores, enquanto que ellas, as pobres mães, as pobres noivas, iam apagando com lagrimas a lanterna do seu olhar. Festas e mais festas nos corações portuguezes e nos olhos das pobres que nunca mais veriam seus filhos, que nunca mais veriam seus noivos, a dôr brutal, a dôr marmorea das lagrimas...

E pobres dos navegantes que tinham ficado mortos em Taprobana, ou dos que tinham ficado doídos pelo aroma agreste da pelle das indianas, envenenados pela aroma traiçoeira de um par de labios! Pobres delles que eram assim chorados por entre as festas luzitanas, pois que as mães logo depois entravam na velha terra da patria em sarcophagos ignorados, e as noivas... Ah! as noivas!.. Essas, quando partiam outros navegantes, iam acenar lenços e beijos a outro noivo. Depois, silencio completo envolvia a lembrança dos miseros enlouquecidos pelas trigueiras indianas da ilha da Taprobana, e, quando morriam, Deus não os levava para o céo, não... Vinham os phantasmas, os diabos tormentosos, descendo do Hamazel, e levavam o portuguez para regiões ignoradas de tormentos e de fogueiras, que os escriptores quinhentistas diziam, benzendo-se com uncção, ser o inferno...

Ainda hoje, minha irmã, esses duendes estranhos, de fórmas exquisitas, atormentam a imaginação dos homens e raparigas de Ceylão. Nas suas casas feitas sobre estacas no mar estes tremem quando a noite vem, ennegrecendo o mar. Communmente,

no barco louro da sombra da lua, chegam os espectros azulados que nós tomaríamos talvez pelos raios do astro, mas que aos olhos primevos daquelles indigenas assumem as proporções esqualidas dos phantasmas. Emquanto dura a noite, os duendes erram, erram sem fim pelas praias, e alimentam-se de cocos que partem em um só talho de seus dentes. E nenhum indio se atreve a sair pela noite fechada, fóra da sua cabana. Nenhum. Ficam encolhidos nos leitos, emquanto, pelos juncos, dansam os espectros azues, se sentam nos co-raes, cheiram os nenuphares salgados e se amam talvez, como sabem amar os espectros, com grandes gemidos que echoam soturnamente na noite, como si viessem de dentro de um tumulo. Afinal, vem a manhã e o sol, luzente e bello como o craneo sagrado de Buddha, devora os duendes todos de Ceylão e faz brilhar num hymnario de luz festiva, num missal de ouro, o grande altar da terra encantada da ilha, que sae com todas as suas verduras, suas mangas louras e seus cocos de casca morena, de dentro da noite e ri colossalmente, pelo abanar das palmas dos coqueiros, galanteiando o sol que vem vindo da China exquisita e do delicioso Japão...

E em sendo dia claro, lá fogem os medos todos, galopando para os Brazis da America, onde vae agora começar a noite e onde tambem sacys ou diabos de uma perna só e os lobis-homens das sexta-feiras fazem foscas quando bate a meia-noite

nos campanarios das villas e as caveiras sahem pelas fendas musgosas das campas para irem quebrar galhos de cyprestes e agital-os horrorosamente em ventanias... E com o ser dia claro eis os de Ceylão que partem, cantando as toadas da remexida sarabanda, para as praias a pescar peixes, perolas soltas, ossos de naufragos de algum naufragio por alli perto, conchas irisadas de mil e uma côres que lampejam ao sol como estrellas. As mulheres muito alegres, põem-se á porta das cabanas na eterna contemplação dos valles, dos morros e dos mares e os pequenitos vão rolar, nús como o sol, pelas encostas das collinas...

... Vais deixar Ceylão, entretanto, ao atravessares a velha India, sobre as aguas do sagrado rio Ganges ou sobre o dorso dos elephantes, sentirás saudades de uma ilha bizarra, muito verde, muito cheia de coqueiros, muito cheia de coraes, e com o velho perfume da manga madura, persistente e eterno

Fim

# Indice

	pag.
Palhaços	5
Prologo	5
Soldados	13
Pescadores	23
A Morte de Alfredinho	31
Nostalgia	39
Conto de S. João	45
Recordações	53
Velhos Marujos	57
Pobres Pequenos	65
Cartas a minha irmã :	
I. Saudades	73
II. Primeiras noticias	76
III. A Republica do Japão	79
IV. Pagina intima	84
V. O filho do Micado	86
VI. Os piratas	91
VII. Um dia em Pekim	98
VIII. Brazil	104
IX. O rei de Honolulu	116
X. Na Taprobana	124
XI. Pagina solta	128
XII. Ainda na Taprobana	134

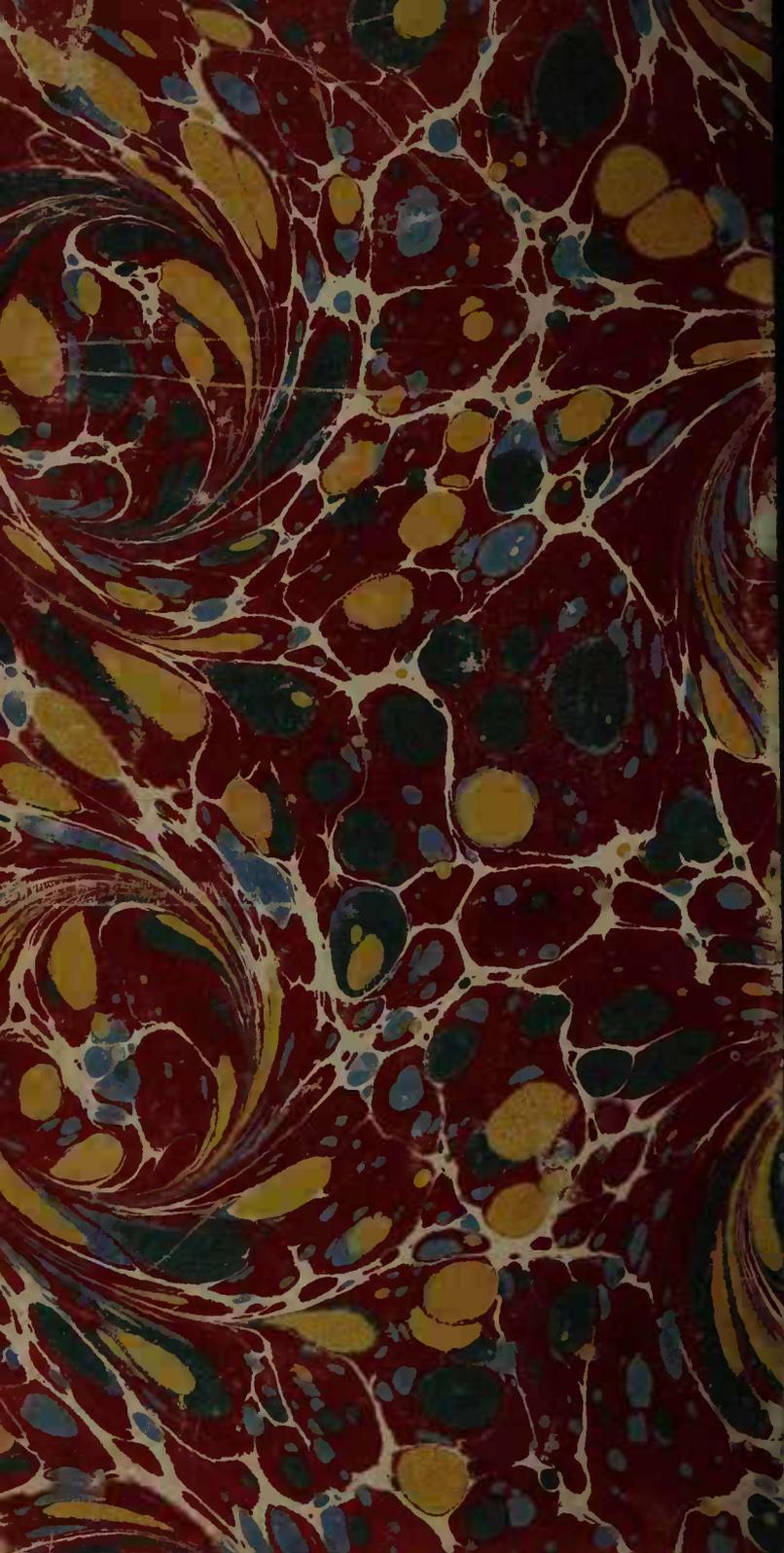
---











## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).